



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA:

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE

**RELAÇÕES DE PODER E TERRITORIALIDADE: O CASO DA
CIDADE DE RIO TINTO/PB**

**GUARABIRA
2016**

ALICE MARIA MARQUES DA SILVA

**RELAÇÕES DE PODER E TERRITORIALIDADE: O CASO DA
CIDADE DE RIO TINTO/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento aos requisitos para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira, sob orientação da Prof^a Ms. Ana Carla dos Santos Marques.

GUARABIRA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa quanto eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Alice Maria Marques da

Relações de poder e territorialidade: o caso da cidade de Rio Tinto/PB [manuscrito] / Alice Maria Marques da Silva. – Guarabira: UEPB, 2016.
69 p.: il. color.

Digitado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

"Orientação: Ana Carla dos Santos Marques, Departamento de Geografia".

1. Território. 2. Poder. 3. Rio Tinto/PB. I. Título.

22.ed. CDD 981.33

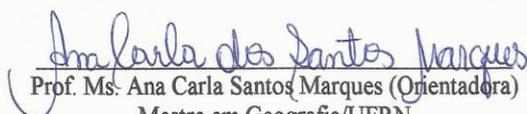
ALICE MARIA MARQUES DA SILVA

**RELAÇÕES DE PODER E TERRITORIALIDADE: O CASO DA
CIDADE DE RIO TINTO/PB**

Trabalho de conclusão de curso da
Universidade Estadual da Paraíba/
Campus-III, apresentado como parte dos
requisitos para à obtenção do título de
Professora de Licenciatura Plena em
Geografia.

Aprovada em: 01/06/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Ana Carla Santos Marques (Orientadora)
Mestre em Geografia/UFRN
Professora Substituta/UEPB


Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Doutor em Sociologia/UFCG
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Sonale Vasconcelos
Mestre em Geografia/UFPB
Professora Substituta /UEPB

Aos meus pais Antônio e Nevinha, que com muito amor e carinho me ajudaram a ser o que sou hoje, a minha irmã Aline que sempre me apoiou em todos os momentos de minha vida, a minha professora orientadora Ana Carla, que caminhou junto a mim durante todo o processo de construção acadêmica, e em especial ao meu amor Diognnys, que sempre está presente em minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Durante minha trajetória acadêmica nestes cinco anos de curso, que se passaram muito rapidamente, aprendi inúmeras coisas, e uma delas foi a superar os desafios e obstáculos. Cresci não apenas academicamente, mas como pessoa também. Tenho de positivo um grande saldo, tanto no campo acadêmico quando no campo pessoal.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido conseguir a graduação para o meu crescimento profissional, me ajudando diante de todos os obstáculos encontrados e me encorajando a continuar o caminho que por ele foi planejado para minha vida.

Agradeço à minha família, especialmente a meu pai **Antônio** por ser uma pessoa firme e honesta um exemplo de pai dedicado, a minha mãe **Nevinha** uma pessoa amorosa e dedicada minha inspiração, a minha pequena florzinha **Manu** minha sobrinha, uma criança espontânea e muito carinhosa um exemplo de bom humor, a todos por estarem sempre presentes em minha vida, pois cada um do seu jeito esteve sempre me apoiando durante a minha graduação, e por valorizarem a minha formação, agradeço toda a atenção e dedicação.

Agradeço a minha irmã **Aline**, um exemplo de superação, pessoa maravilhosa, um anjo que Deus me deu para chamar de irmã uma das pessoas a quem eu só tenho a agradecer pra mim você sempre será uma Super Irmã, um exemplo de amor e dedicação, eu não tenho palavras para expressar o amor e carinho que tenho por você, fico muito feliz por poder te chamar de irmã, a você obrigada por tudo.

Agradeço aos meus grandes amigos, anjos que Deus colocou em minha vida para cuidarem de mim e não me deixarem desamparada, me devotando uma amizade verdadeira, não poderia deixar de agradecer a vocês, **Abdiel e Kell**, que me deram força, apoio, conselhos em fases complicadas de minha vida. Graças ao carinho e amizade de vocês eu superei muito minhas aflições, os meus medos, ansiedade e nervosismo.

Agradeço ao meu amigo/irmão **Ari**, que encontrei na universidade e que me acompanhou durante estes anos de graduação, aguentou meus abusos, me ajudou, me deu conselhos. Uma pessoa a quem eu vou levar para o resto da vida, pois sem ele as aulas não teriam sido tão agradáveis. Agradeço a você por ter me proporcionado todos os momentos felizes e divertidos, você mora em meu coração.

Agradeço ao meu cunhado **Sóricres**, que me ajudou durante a construção do meu trabalho, me apoiando e me incentivando positivamente, as dicas de leituras e releituras da minha pesquisa, pois sem a sua ajuda teria sido muito difícil conseguir concluir essa pesquisa. A você meu muito obrigada!

Aos meus amigos que encontrei durante muitas jornadas de minha vida, **Kita, Barbara, Silvi, Claudinha, Gil, Omar e Elisabete, Paula, Anna** entre outros, a minha prima **Paulinha**, aos meus eternos professores **Jaelson, Paulo, Vando**, entre tantos outros, quero agradecer também aos meus amigos que encontrei nos corredores da UEPB, **Marcela, Danilo, Flávio, Tonny, Thamy, Wilton, Dany, Renata, Jonas, Lidiane, Jordana, Roberto, Ruan, Elida**, o trio mais lindo da UEPB: **Alex, Alexandre e Wellington**, a **Neemia, Lenilma, Dja, Estevão, Luiz Carlos, Marcos, Manoel, Miss, Junior, Leandro, Severino** entre outros, pois sem eles a universidade não seria a mesma.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de todas as noites durante as idas e vindas à UEPB, **Ladyjane, Ana Cláudia, Roberto, Francisco, Bela, Brenda** em especial a turma da bagunça **Robson, Vivi, Manoel**, e por fim as minhas pareias **Débora e Paula**, vou sentir muita saudade de vocês. Obrigada pelos risos, conselhos, brincadeiras! Obrigada por tudo!

Agradeço a todos os meus amigos e amigas que me ajudaram direta ou indiretamente durante a construção desta pesquisa em especial a **Danilo, Cristian, Mahilma, Cássio Marques**, entre outros e a todos os entrevistados. A vocês meu muito obrigada!

Agradeço a todos os professores e professoras da universidade, que durante o curso contribuíram em minha formação acadêmica e profissional e que me possibilitaram ter uma visão de mundo que antes não tinha. Em especial quero agradecer aos professores **Belo, Alexandre, Marlene, Vanusa, Michele, Santana, Fábio, Leandro, Lanusse, Ari, Luciene, Sonale**, entre outros professores. Obrigada pela dedicação, apoio e atenção, vocês moram em meu coração e estarão sempre em meus agradecimentos.

Agradeço em especial a minha orientadora **Ana Carla**, que acreditou no meu potencial e se não fosse a sua dedicação e empenho durante as aulas quando falava do território e das relações de poder esse trabalho não existiria, pois durante suas aulas ela despertou o amor pela geografia que havia adormecido dentro de mim. Não tenho palavras para agradecer todas as noites mal dormidas revisando meus trabalhos, os dias em que a senhora se disponibilizou para orientação, pelos conselhos, por ser mais que uma orientadora, pois ao logo da caminhada a senhora se tornou minha amiga, e em especial por ter me ajudado a achar o meu caminho. A senhora professora meu muito obrigada!

Agradeço a todos os funcionários da UEPB, em especial a **Coordenação do Curso de Geografia** e aos da **Biblioteca Maria do Carmo de Miranda**, pela atenção e dedicação em sempre nos receber bem.

Por fim, gostaria de agradecer a uma pessoa muito especial, que encontrei na UEPB, o amor que Deus me concedeu, a você **Diognnys Cardoso**, meu amado namorado, a vida nos

prepara surpresas e você foi a melhor delas, eu o amo muito, e sei que vamos realizar grandes sonhos juntos, obrigada por escolher estar comigo, e por torcer para que eu chegasse ao final deste trabalho, sei que sempre esteve disposto a ajudar-me, obrigada meu amor pelo carinho e dedicação, por ser solidário quando estou com dificuldades e conseguir compreender meus momentos difíceis, pois sem você a meu lado eu não teria conseguido.

A **todos** e a **todas**, colegas, amigos e amigas de trabalho, lazer e estudos, que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, a minha eterna e singela Gratidão!

Há, portanto um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência e variável, mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias. (RAFFESTIN, 1993).

043 – GEOGRAFIA

SILVA, Alice Maria Marques Da. **Relações de Poder e Territorialidade: O Caso da Cidade De Rio Tinto/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), UEPB. Guarabira, 2016.

RESUMO

A pesquisa aborda as relações de poder existentes na cidade de Rio Tinto/PB, construída e emancipada em um processo de disputas territoriais. Grande parte das terras onde hoje é a cidade, ainda pertencem aos proprietários da antiga fábrica, a família Lundgren. Nesta perspectiva será analisada qual a influência existente e as relações de poder e conflitos territoriais entre distintos atores sociais. Para tanto, entende-se o conceito de território como produto da atuação e relação de distintos atores sociais, pois são estes que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, onde se configuram diversas relações de poder (RAFFESTIN, 1993). Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e se desenvolveu em três etapas: pesquisa exploratória, trabalho de campo e análise e tratamento das informações obtidas (MINAYO et al, 2008). Estas etapas se efetivaram por meio da realização de levantamento bibliográfico, levantamento documental e pesquisa de campo para a realização de entrevista. Estas entrevistas foram tratadas através da técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (LEFEVRE, 2006), que parte do princípio de que o sujeito pesquisado representa um segmento social sendo, portanto, uma representação do pensamento coletivo sobre o espaço, o que possibilita construir um discurso abrangente do ponto de vista geográfico.

PALAVRA-CHAVE: Território. Poder. Rio Tinto/PB.

043 – GEOGRAFIA

SILVA, Alice Maria Marques Da. **Relações de Poder e Territorialidade: O Caso da Cidade De Rio Tinto/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), UEPB. Guarabira, 2016.

ABSTRACT

This research addresses the power relationships that exists in the city of Rio Tinto/PB, built and emancipated through a process of territorial disputes. Great part of the lands where today is the city still belongs to the proprietors of the old factory, the Lundgren family. On this perspective, it will be analysed which are the existing influences, and the power relationships between distinct social characters. For this purpose, it will be understood the concept of territory as the product of the action and relationship of distinct social characters, as they are the ones who produce the territory, from the given initial reality, where many power relationships are configured (RAFFESTIN, 1993). This research presents a qualitative approach and was developed in three stages : exploratory research , fieldwork and analysis and treatment of the material (MINAYO et al, 2008); this step was effected through bibliographic analysis, document analisys and field research to interview implementation. These interviews were analysed through the technique of Collective Subject Discourse (LEFEVRE, 2006), where is assumed that the surveyed subject represents a social segment being, therefore, a representation of the collective opinion about the space, what makes possible to build a wide including geographic point of view.

KEYWORD: Territory. Power. Rio Tinto/PB.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|--|----|
| Figura 01 – | Localização da cidade de Rio Tinto..... | 16 |
| Figura 02 – | Entrada da cidade de Rio Tinto..... | 25 |
| Figura 03 – | Construções que caracterizam a cidade..... | 25 |
| Figura 04 – | Ruas largas..... | 25 |
| Figura 05 – | Casarão do Lundgren na Vila Regina..... | 25 |
| Figura 06 – | Antigo hospital de Rio Tinto..... | 26 |
| Figura 07 – | Clube esporte de Rio Tinto localizado na Vila..... | 26 |
| Figura 08 – | Prédio escolar na Vila Regina..... | 26 |
| Figura 09 – | Antigo cine clube..... | 26 |
| Figura 10 – | Estátua de Frederico Lundgren..... | 28 |
| Figura 11 – | Igreja Santa Rita de Cássia..... | 28 |
| Figura 12 – | Entrada da Fábrica..... | 30 |
| Figura 13 – | Ruínas da extensão da fábrica na vila Regina..... | 30 |
| Figura 14 – | Galpões da fábrica na Vila Regina..... | 30 |
| Figura 15 – | Uma das moradias médicas da época..... | 30 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| CTRTR | Companhia de Tecidos Rio Tinto |
| DSC | Discurso do Sujeito Coletivo |
| ECH | Expressões Chaves |
| FUNAI | Fundação Nacional do Índio |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IC | Ideia Central |
| PMRT | Prefeitura Municipal de Rio Tinto |
| STJ | Supremo Tribunal de Justiça |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | TERRITÓRIO E PODER: PERSPECTIVAS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO SOCIOTERRITORIAL | 16 |
| 2.1 | Herman Lundgren dono do seu destino: O começo de um “império” | 19 |
| 2.2 | A hereditariedade do Poder..... | 22 |
| 3 | A TERRITORIALIDADE DO PODER NA CIDADE-FÁBRICA RIO TINTO: DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA FÁBRICA A EMANCIPAÇÃO | 23 |
| 3.1 | A Materialidade do Poder: A construção..... | 24 |
| 3.2 | A emancipação territorial: uma necessidade econômica..... | 30 |
| 3.3 | A Relação fábrica/Lundgren/População..... | 32 |
| 4 | DO PODER HEGEMÔNICO A FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL | 33 |
| 4.1 | A atual configuração territorial de Rio Tinto..... | 35 |
| 4.2 | Rio Tinto: Uma perspectiva atual feita através de análises do Discurso do Sujeito Coletivo..... | 38 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 61 |
| | APÊNDICE | 63 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar a formação territorial da cidade de Rio Tinto/PB a partir das relações de poder estabelecidas no processo de edificação da cidade, que surge em função da implantação de uma fábrica, bem como compreender as relações e influências atuais decorrentes desse processo.

O território que atualmente compreende a cidade de Rio tinto pertencia à cidade de Mamanguape/PB, território que antes era conhecido por Vila da Preguiça ou Monte Mor, que pela proximidade com o rio Mamanguape que desagua no oceano atlântico, foi adquirido pela família Lundgren oriundos da Suécia, com o intuito de construir uma fábrica e consequentemente uma cidade independente e autossuficiente (GÓES, 1964; PANET, 2002). Eles transformaram aquele espaço em Vila Operária, porém, no decorrer desse processo surgiram disputas territoriais, pois o grupo buscava a principal autonomia sobre o seu espaço, para conseguir expandir seus negócios.

Segundo Panet (2002) a cidade de Rio Tinto foi construída para atender as necessidades tanto da indústria, quanto da população que iria habitar e trabalhar, e assim a família Lundgren teria o controle sobre a população e sobre os diversos serviços incluídos sob sua administração. É importante ressaltar que as construções edificadas possuíam características semelhantes com as de Paulista¹ e obedecendo a mesma estrutura tipológica².

A fábrica foi desapropriada pela prefeitura de Rio Tinto e doada para a instalação e construção de um Campus Universitário. Uma grande parte do território da cidade de Rio Tinto/PB ainda hoje pertence à família Lundgren, que também exerceu forte influência política na região. A construção da fábrica fez surgir a cidade, e neste processo ocorreram [diversos] conflitos territoriais, como os movimentos sindicais e a disputa pelas terras indígenas (VALE, 2008).

As relações de poder existentes no processo de formação territorial de Rio Tinto/PB desde a aquisição das terras, passando pela construção da fábrica e por sua emancipação apresentam distintas dimensões, pois à medida que diferentes atores se apropriam territorialmente de determinadas parcelas do espaço, imprimem nestas suas características

¹ Paulista, cidade localizada no estado de Pernambuco, lugar esse onde foi construída uma Vila Operária para atender as necessidades da fábrica de tecidos dos Lundgren, que com o passar dos tempos passou por um processo de emancipação. Um Hábitat natural operário no nordeste industrial. Mais informações ler “Um sueco emigra para o Nordeste” (Góes, 1964).

² Tipológica: que busca estabelecer a ordem, a classe, o gênes e as características da espécie dos objetos que se supõe ocupar seu campo de estudo.

relacionadas de acordo com seus objetivos e podem estabelecer influências de ordem econômica, política, cultural e até mesmo do meio natural (TEIXEIRA, 2010).

Atualmente, os herdeiros da família Lundgren ainda são proprietários de grande parte do patrimônio imobiliário de Rio Tinto, desde as casas da vila operária, prédios da fábrica, cinema, como também a Igreja que ainda pertence à fábrica e não à Arquidiocese da Paraíba, e algumas propriedades de terra em Rio Tinto (VALE, 2008).

Neste contexto, considerar as relações de poder existentes no processo de formação territorial e emancipação política, evidencia que distintos atores em diferentes níveis sociais, interesses políticos e econômicos estão territorialmente materializados na configuração atual da cidade que se constituiu em um cenário de disputas e interesses.

A cidade de Rio Tinto está situada na região norte-litorânea da Paraíba e faz limite com sete cidades, entre elas a cidade de Mamanguape/PB, de onde foi emancipada, tendo uma localização estratégica por fazer limite com o oceano atlântico (Figura 01).

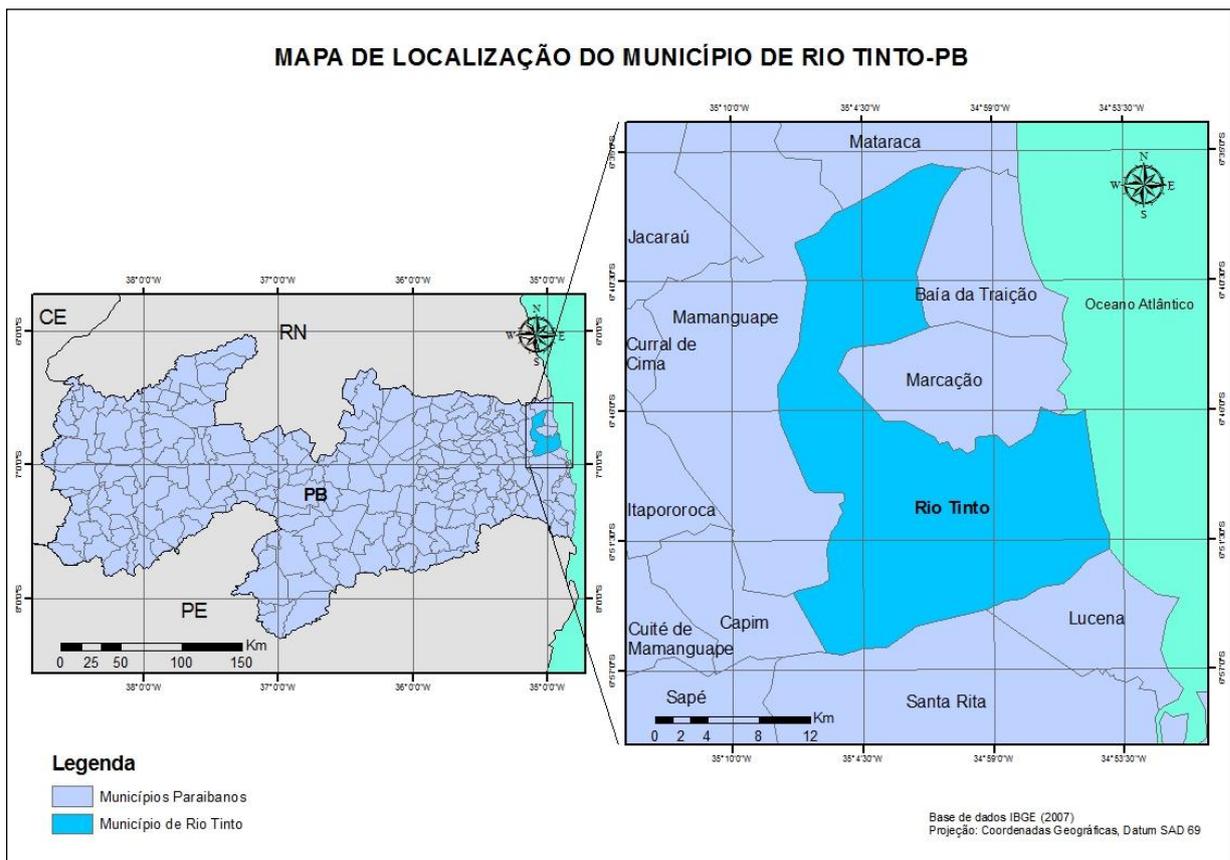


Figura 01: Localização geográfica do município de Rio Tinto/PB

Fonte: IBGE, 2007.

É importante ressaltar que esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e se desenvolveu considerando a fase exploratória, o trabalho de campo e análise e tratamento das

informações (MINAYO et al, 2008). Na fase exploratória foi realizada pesquisa bibliográfica para o aprofundamento teórico e a definição metodológica, seguida da pesquisa documental para entender o processo de aquisição das terras e construção da fábrica, povoamento, as disputas do movimento sindical, o desmembramento da cidade de Mamanguape/PB e a emancipação política. Nesta etapa também ocorreu à elaboração cartográfica para delimitação geográfica da área de pesquisa, a partir da utilização de *software* Arcgis 9.3 (ERSI) tendo como base a malha municipal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A pesquisa de campo permitiu a prática e a reflexão teórica realizada na primeira etapa, além possibilitar a aplicação de entrevistas com intuito de entender como se deu o processo da territorialização do poder na cidade e conseqüentemente sua atual configuração. As entrevistas foram realizadas com representantes da CTRT (Companhia de Tecidos Rio Tinto), da Aldeia Indígena Jaraguá e Monte Mor – localizadas na Vila Regina – e por último um morador. Em seguida foi realizada a análise e o tratamento do material colhido, com base na técnica de análise desenvolvida por Lefevre (2006) a partir do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

O DSC é uma estratégia metodológica que visa tornar mais clara uma dada representação social, através do modo discursivo, é possível visualizar melhor a representação social, na medida em que ela aparece não sob uma forma artificial com quadros e tabelas, mas sob uma forma viva e direta, através de um discurso, que é, como se assinalou, o modo como os indivíduos reais, concretos (LEFEVRE & LEFEVRE, 2003).

No processo e utilização desta técnica, parte-se do princípio de que a o sujeito pesquisado representa um segmento social sendo, portanto, uma representação do pensamento coletivo sobre o espaço. Para tanto é feita a transcrição da entrevista sendo agrupada segundo as perguntas referentes ao depoimento de um entrevistado e identificação das Expressões-Chave (ECH) e Ideias Centrais (IC) são destacadas em cores para elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A pesquisa encontra-se dividida em cinco capítulos e inicialmente é abordada uma análise teórica a partir das relações de poder que constituem o território. Em seguida apresenta-se uma síntese da história de Hermam Lundgren, por que foi a partir de sua chegada ao Brasil que deu início o processo das relações de poder e territorialização discutidas nessa pesquisa. É realizada revisão bibliográfica da produção já existente, percebidas através das relações de poder e territorialidade envolvendo distintos atores. Finalizando a discussão parte-se da pesquisa empírica, para analisar a territorialidade das relações atuais entre a companhia de tecidos e a cidade de Rio Tinto.

2 TERRITÓRIO E PODER: PERSPECTIVAS PARA A COMPREENSÃO DA FORMAÇÃO SOCIOTERRITORIAL

A relação entre o poder e o território não é recente, e tem sua origem ainda quando o homem passou a estabelecer domínio sobre determinada forma territorial para a sua fixação (GOMES, 2015). Nesta perspectiva, ao considerar o território como uma construção social, entende-se ser este um instrumento de poder que se configura através de distintas instâncias, pois as relações sociais são permeadas por relações de poder.

O poder está em todo lugar, há visto que o poder tem como ponto de partida toda e qualquer forma de relação, portanto, seria inútil procurar o poder na existência original de um ponto central, num centro único de soberania, pois ele é o alicerce móvel das relações de força permeando indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 1984). O poder expressa uma bipolaridade, à medida que de um lado está aquele que exerce o poder e do outro está aquele sob o qual o poder é exercido, assim o poder se manifesta por ocasião da relação, ou seja, é um processo de troca na relação que se estabelece os dois polos (RAFFESTIN, 1993).

Para Raffestin (1993) o poder abrange diversas dimensões e não é apenas exercido pelo Estado, mas por outras instâncias sociais e também pelo indivíduo sendo este um ser social, o que possibilita considerar a complexidade da estrutura de poder mediante as relações estabelecidas e vinculadas ao exercício da territorialidade do poder, sendo que sua intencionalidade revela a importância das finalidades e a resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações, assim toda relação é o ponto de surgimento do poder, e isso fundamenta a sua multidimensionalidade.

Com base nestas reflexões assinaladas, percebe-se que considerar as relações de poder enquanto fundamento de análise do território permite compreender a formação socioterritorial da cidade de Rio Tinto e os distintos atores sociais que nesta se territorializam. Inicialmente considera-se a forma como se desenvolvem as relações de poder no ambiente macro da sociedade e como a família Lundgren exercia sua influência ou mesmo impunha sua vontade neste ambiente. As relações de poder, compreendidas como as articulações que ocorrem nas entrelinhas da política e mais explicitamente na sociedade como um todo são, em relação a Rio Tinto, as que explicam como a cidade chegou às configurações percebidas em sua contemporaneidade.

No processo de relação entre território e poder, existe distintas forças atuantes e se caracterizam mediante questões políticas, econômicas, sociais e até mesmo culturais, onde nem sempre o poder se faz visível. É possível afirmar que, ao olhar minuciosamente para a

construção histórica e política de Rio Tinto, em muitos momentos não se é possível enxergar onde termina as relações políticas e onde começa a predominar a vontade pela influência.

O processo de emancipação que ocorre a partir de interesses tanto econômicos quanto políticos, de uma classe dominante que provém meios de territorializar seus interesses, considerando que nem sempre os verdadeiros motivos são explicitados, criando-se pelo interessado uma motivação macro que envolve e move a sociedade, mas que atende a um interesse micro, ou seja, particular.

Os homens vivem em busca do poder, ou melhor, os homens da elite buscam a manutenção do *status quo* através do poder exercido sobre seus pares (poder pelo acordo e proveito mútuo) e do poder imposto aos núcleos mais inferiores que constituem a sociedade (poder pela imposição da vontade direta ou indiretamente). Diga-se de passagem, neste contexto a política é a máscara com a qual bufões, pierrôs e colombinas passeiam pelo salão.

Mas afinal o que é Poder?

Existe atualmente um grande desconhecido: quem exerce o poder? Onde exerce? Atualmente se sabe, mais ou menos, quem explora, para onde vai o lucro, por que mãos ele passa e onde ele se reinveste, mas o poder... Sabe-se muito bem que não são os governantes que o detêm. Mais a noção de “classe dirigente” nem é muito clara nem muito elaborada. “Dominar”, “dirigir”, “governar”, “grupo social”, “aparelho do estado”, etc.. é todo o conjunto de noções que exige análise Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias. (FOUCAULT, 2005, p. 75).

Todavia, onde há poder ele é exercido em distintas formas de dominação, obediência, vigilância, entre outros meios, pois o poder é territorializado por uma determinada classe que através de seus interesses controlam uma determinada parcela do território. Isto reflete o processo de constituição e fragmentação do território de Rio Tinto, uma cidade que foi construída pela família Lundgren que a princípio se estabelece na condição de vila operária, onde o poder se fazia presente dentro de seus muros de dominação.

As técnicas de poder em ambientes “fechados” são desenvolvidas com êxito mesmo que tenha uma multiplicidade de homens a gerir, se torna tão eficiente quanto ou como se fosse sobre uma só pessoa (FOUCAULT, 2005). Assim o processo se territorializa em torno da fábrica de tecidos Rio Tinto, longe dos olhos dos sindicatos e das fiscalizações, sendo, portanto, possível exercer o poder de forma até transparente.

As regras e os meios de conduta que foram desenvolvidos no processo de construção eram determinados pelos Lundgren, pois eles eram os detentores do poder. Segundo Panet (2002) um dos maiores exemplos de poder é a estátua de Frederico Lundgren a frente da

Igreja Matriz, na praça principal, onde ocorriam os momentos de lazer e reuniões. Os Lundgren ao chegarem ao estado da Paraíba, conseguiram desenvolver-se industrialmente e assim mediante a atividade econômica exercida, reacenderam economicamente o município de Mamanguape/PB.

Os Lundgren, entretanto, estavam criando, com os seus planos industriais, riquezas novas nas terras abandonadas daquele município.

E renascia Mamanguape, ao impulso de Rio Tinto, ela que estava fadada ao desaparecimento, mergulhada no passado, sem possibilidade de acompanhar a marcha progressista da Paraíba. Hoje, ao lado, surgia uma colméia industrial, a duas léguas de distância – Rio Tinto, erguida em terras antes doentias, da antiga Aldeia da Preguiça, pela visão e pela força construtiva dos irmãos Lundgren. (GÓES, 1964, p.139).

No processo de construção da vila operária os Lundgren conseguiram a isenção de impostos que deveriam ser pagos ao Estado, com a condição que os mesmos desenvolvessem um sistema de atendimento aos funcionários que iriam morar na vila operária, bem como possibilitassem a garantia de escola, saúde, lazer.

[...] o governo paraibano deu total apoio ao projeto Lundgren, oferecendo isenção do pagamento de impostos por pelo menos 25 anos, em virtude das responsabilidades que a família assumiria em relação à população que estaria sobre jurisdição. (DANTAS, 2009, p.37).

De acordo com Dantas (2009) o local escolhido tinha condições favoráveis para o desenvolvimento de qualquer indústria, pois tinha proximidade com a foz do rio de Mamanguape, que garantia o escoamento da produção, era rico em matéria-prima e tinha condições favoráveis para seu desenvolvimento voltado em um sistema onde se desenvolvia as relações de poder. Portanto, a intencionalidade dos Lundgren é percebida desde a escolha do local, que apresentavam condições favoráveis não somente para a expansão de suas atividades econômicas, mas a territorialidade das relações de poder em outras dimensões.

A verdade é que o sítio escolhido reunia três condições essenciais à perspectiva da época: proximidade de matéria-prima, facilidade de transporte e disponibilidade de fontes de energia; mais como indica Engler (1989), mais do que uma explicação econômica, existia um fator político muito importante. Este consistia no fato de que em 1917, desenvolvia-se no Recife um forte movimento operário que culminou com a organização de greves. Portanto, a construção, naquele local, do empreendimento fábrica – vila operária, fechado em si mesmo, com pouco contato exterior, criava condições ideais para manter sobre controle a força de trabalho. (DANTAS, 2009, p.37-38).

Porém, pelas terras pertencerem à cidade de Mamanguape, os Lundgren não foram isentos a pagarem os impostos ao município, o que não agradou, pois queriam ter acesso total

aos lucros gerados pela produção. A partir desse processo começou à busca pela emancipação de Rio Tinto, que a princípio não foi construída para se tornar uma unidade administrativa, porém para atender a interesses políticos e econômicos, foi emancipada em 1956 tendo como seu primeiro prefeito Arthur Lundgren, o irmão de Frederico Lundgren – que havia falecido 10 anos antes de sua emancipação.

O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de estado. Não se pode entender o desenvolvimento das forças produtivas próprias ao capitalismo, nem imaginar seu desenvolvimento tecnológico sem a existência, ao mesmo tempo dos aparelhos de poder (FOUCAULT, 2005, p.221).

A definição do poder é algo que nos remete a pensar quem o detém ou quem de fato está no controle de tudo, no caso em tela percebe-se que os Lundgren ainda exercem sua força na cidade. A princípio a cidade foi emancipada tendo seu território pertencente aos Lundgren, sendo que nos dias atuais boa parte das propriedades pertence a CTRT, movimentando assim parte significativa de sua economia.

Percebe-se que mediante o poder político, efetiva-se o desmembramento territorial onde estava localizada a fábrica dos Lundgren, saindo do macro interesse da administração pública de Mamanguape, para a micro administração privada da família detentora da fábrica de tecidos. O discurso da emancipação travestia o interesse particular de domínio dos lucros e da classe operária que transitavam na circunferência territorial dos Lundgren.

2.1 Herman Lundgren dono do seu destino: O começo de um “império”.

A História do Sueco descendente de uma família de comerciantes, industriais e navegadores que imigra para o Nordeste, mostram características de um homem ambicioso e determinado. De acordo com Góes:

[...] Herman Lundgren, era um rapaz de inquietas ambições de subir, prosperar e vencer, assim como Napoleão quando simples tenente de artilharia. Apesar da situação que conquistara, não queria continuar sendo um simples corretor e agente de navios. Para a sua extraordinária capacidade de ação, um setor, sobretudo, lhe sorria: a indústria. Viera da Suécia, onde uma brilhante civilização industrial se aprimorava com as últimas conquistas do espírito humano nos domínios da ciência e da técnica. A industrialização européia, naquela quadra do século XIX, já assinalava o advento da era da Máquina. (GÓES, 1964, p.33).

Tendo passado por momentos difíceis por está em uma terra estranha com costumes e linguagens diferentes do que estava acostumado, Herman Lundgren conseguiu superar os

obstáculos e dar início ao processo que o levou a conquistar bens e riquezas. Segundo seu próprio relato Góes (1964) apresenta algumas das dificuldades sofridas por ele.

Os primeiros meses foram os mais terríveis de minha vida. A terra era estranha, e mais estranho o clima. A gente, apesar de afável, não me entendia. Os costumes, a língua, tudo, no começo, parecia contra mim. A meu favor, eu e mais ninguém” – confessava Herman, muitos anos mais tarde, aos seus íntimos, já plenamente realizadas as suas idéias de industrial e comerciante progressista, no país que o adotara como filho. (GÓES, 1964, p.35).

Herman, um homem sonhador, que resolveu fixar-se no Brasil onde viveu e construiu sua história deixando seu nome marcado na história da industrialização brasileira – na região Nordeste – onde fez amigos, casou e teve filhos.

Ele foi o dono do seu destino. Construiu, com as próprias mãos, sem auxílio de ninguém, a escada de sua árdua e laboriosa ascensão empresarial. Não dispunha de capitais de vulto para investir; não contava com recursos técnicos num meio onde a mão-de-obra, em seu rudimentarismo agrícola, se aviltava no trabalho servil. Mas venceu tôdas essas circunstâncias adversas, além de superar obstáculos que lhe opunha a desconfiança hostil dos nativos. Esfalfando-se, suando, queimando a sua pele nórdico ao sol da Praça da Lingüeta, em estafantes disputas para controlar o comércio de abastecimento dos navios surtos no pôrto, o môço Lundgren, cheio de vida, valente, denodado, dois anos depois realizava as primeiras e bem sucedidas transações de exportação e importação, com sua exclusiva responsabilidade. (GÓES, 1964, P.38).

O primeiro Lundgren que chegou ao Brasil começou a desenvolver atividades no setor industrial, aperfeiçoou seu lado profissional e constituiu riquezas mediante novas conquistas. Seu maior empreendimento na indústria têxtil foi a Fábrica de Paulista localizada em Pernambuco, apesar de ter recebido conselhos para não ingressar na indústria têxtil. A fábrica em Paulista foi o marco decisivo que designou sua participação em empreendimentos na indústria brasileira.

Ao descobrir as condições da Fábrica de Paulista, Herman adquiriu-a e tratou logo de melhorar seu crescimento financeiro sob sua supervisão e com ajuda de seus filhos, deu vida aquela pequena vila operária, visto que em seu processo de desenvolvimento industrial, ele também sofreu dificuldades, porém conseguiu superá-las. Era detentor de vários bens, um verdadeiro construtor de riquezas, Hermam Theodor Lundgren marcou a história da industrialização do Brasil, especificamente na região nordeste, deixando filhos e muitas propriedades.

Hermam Lundgren faleceu aos 72 anos de idade, em fevereiro de 1907. Sua longa vida fôra tôda uma epopéia de trabalho fecundo e incessante. Ter sido

um dos grandes pioneiros do desenvolvimento industrial do Brasil, eis a legenda de seu destino, o ponto marcante de sua personalidade. A própria glória de seu nome, que passou à posteridade como um invulgar exemplo de ação virada da história, mas se expressa, concreta e viva, nessa imensa federação industrial e comercial que cobre o Brasil inteiro: as Fábricas Paulista, em Pernambuco; Rio Tinto na Paraíba, e Santa Elizabeth, em Minas Gerais, além das “Lojas Paulistas”, no Norte, e as “Casas Pernambucanas”, no Sul. (GÓES, 1964, p. 96).

A trajetória vivida por Herman Lundgren, narrada por Góes (1964), mostra suas conquistas através das relações estabelecidas por meio da influência econômica, política e social o que possibilitou sua expansão. O poder pode até recuar, se deslocar, investir em outros lugares, porém é importante ressaltar que a batalha nem sempre termina, os Lundgren são um exemplo que, de acordo com as intencionalidades estabelecidas neste processo territorialização das relações sociais de poder é possível redefinir usos e funções do território, o que mediante análise, reflete a saída de Paulista para investir em busca de novas conquistas, fazendo de Rio Tinto um campo de relações de poder e dominação.

2.2 A Hereditariedade do Poder

Os seus herdeiros continuaram a desenvolver o patrimônio e à frente da indústria têxtil estava Frederico João Lundgren que buscando expandir seus negócios enviou Arthur de Góes a Mamanguape/PB para conhecer o local com o intuito de morar e abrir um comércio e que gradativamente iniciou o processo de compra de lotes de terras (PANET, 2002).

Na concepção de alguns, aquelas terras não apresentavam características favoráveis para a obtenção de lucros significativos, porém cumprindo as ordens Frederico Lundgren os lotes em entorno da Aldeia da Preguiça foram, aos poucos, sendo comprados.

Instalado na região – em cerca de dez meses- comparece ao cartório da cidade, acompanhado de advogados de Recife, para venda de tudo que tinha adquirido. Ansioso, o escrivão Antônio Piaba pergunta no ato: - Quem é o comprador? E Arthur de Góes responde enfático: - Os Lundgren, de Paulista. (VALE, 2012, p 63/64).

Quando se descobriu a quem as terras iriam pertencer, muitos o consideraram louco, todavia ele tinha uma visão ambiciosa sobre aquele local onde posteriormente iria construir um empreendimento de grande porte e utilizar-se dos recursos naturais existentes para construção da fábrica como da vila operária, pois “o local era ideal para a instalação da fábrica, pois além de ficar escondido, estava perto do mar” (RODRIGUES, 2008. p 96).

Após adquirir as terras, Frederico passou a providenciar meios para tomar posse da sua nova conquista e dar início ao desenvolvimento de suas atividades econômicas, e passou a administração do engenho Rio Tinto – ex-preguiça – ao Senhor Apolônio Gomes de Arruda, com as seguintes instruções:

Paulista, 15 de fevereiro de 1918.

O Sr. Apollonio Gomes de Arruda segue para o Rio Tinto com as seguintes instruções:

- 1º Tomar conta e ser administrador do engenho Rio Tinto (ex-preguiça).
- 2º Engajar e despedir o pessoal que fôr necessário.
- 3º Trabalhar com quatro cabos, sendo que cada um dêles trabalhará com quatorze homens.
- 4º Construir palhoças de palmeira para os trabalhadores do campo: sendo dezoito casas para cada cabo. Os trabalhadores destas palhoças não pagarão aluguel. As palhoças serão tôdas iguais e serão feitas por empreitada, cuja fiel execução será fiscalizada pelo Sr. Apollonio.
- 5º Drenar e esgotar as águas da lagoinha, derrubar o mato que nasce nela, fazer leirões para aproveitar o esgotamento das águas e canalizar as águas para o rio Mamanguape e plantar capim liso nos leirões.
- 6º Fazer serviços semelhantes no rio da Preguiça (hoje chamado Rio Tinto) e demais águas dos dois rios que se encontram atrás da casa do “Engenho”.
- 7º Derrubar as capoeiras em frente á casa do Sr. Albertino, aproveitando-se a lenha.
- 8º Morar na casa onde esta morando o Sr. Albertino.
- 9º A drenagem, a qual se refere o Art. 6.º, deve ser feita até a cêrca de uns 500 metros acima da casa do Engenho.
- 10º O Sr. Apollonio não poderá ter barracão direta ou intiretamente, nem ser sócio ou interessado em qualquer quitanda, venda ou casa de negócios.
- 11º O seu salário será de 150\$000 por mês, com casa.
- 12º o Sr. Apollonio ou qualquer pessoa que entrar em conhecimento do ordenado do Sr. Apollonio não deverá divulgar o ordenado.
- 13º o Sr. Góes apresentará o Sr. Apollonio com administrdor do Engenho “Rio Tinto” e especialmente ao Prefeito de Mamanguape.
- 14º Colocar Antonio Honorato com ordenado de 100\$000 por mês. (GÓES, 1964, p. 128-129).

Com a compra do terreno para construção da fábrica ele conseguiu receber apoio por parte do governo paraibano mediante a isenção de impostos por um período de 25 anos e em contrapartida deveria se responsabilizar em garantir as condições necessárias para os operários que iriam se instalar nas acomodações oferecidas pela fábrica, na vila operária.

Em busca de desenvolvimento industrial, Frederico Lundgren conseguiu mudar toda a história e as condições de vida existente naquele território, em prol do crescimento econômico. Em função da expansão de suas atividades econômicas eles transformaram não apenas a paisagem, mas também as relações de trabalho dos moradores, que até então era constituída por pescadores, índios e trabalhadores rurais, mas com a instalação da fábrica passaram a ser operários exercendo diversas funções como tecelões, mecânicos, motoristas. “A finalidade dos Lundgren de

“plantar gente” na região desmonta um modo de vida, e não se deve supor que a colonização tenha se realizado sem conflitos e sem questionamentos” (VALE, 2008, p. 34-35).

A partir dos recursos disponíveis foram criadas possibilidades necessárias para garantir a construção e instalação da fábrica e sua vila operária e assim conseguiram erguer e ampliar seus negócios no estado da Paraíba. Deste modo, os recursos se constituem em um meio para atingir o fim, uma função, à medida que o objetivo muda, os recursos podem mudar também, pois este é um produto de uma relação existente em determinados meios (RAFFESTIN, 1993).

3 A TERRITORIALIDADE DO PODER NA CIDADE-FÁBRICA RIO TINTO: DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA FÁBRICA A EMANCIPAÇÃO

O território também é um produto que é consumido, vivenciado por pessoas, que mesmo não o tendo produzido o utilizam como um meio, onde podem assim se desenvolverem através das relações sociais, pois a territorialidade reflete, com muita segurança, o poder que se dá ao consumo por intermédio de seus produtos (RAFFESTIN, 1993). Sendo assim, muitas vezes o território é utilizado como um produto a ser consumido, a partir da intencionalidade de determinado grupo que se apropria criando assim relações sociais que duram por um determinado tempo ou por um tempo indeterminado.

Ao comprarem as terras do Engenho da Preguiça que se localizava no município de Mamanguape/PB, os Lundgren estabeleceram relações sociais naquele território. Do ponto de vista político não houve dificuldades, porém do ponto de vista operacional, o processo de construção não foi fácil, apesar da proximidade com a matéria-prima o aterramento para a construção das casas dos operários e dos prédios onde iriam funcionar as máquinas foi realizado manualmente, e toneladas de barro, pedra e areia eram transportadas por jumentos, e assim, deu-se início a (re)estruturação territorial para atender a expansão econômica dos Lundgren (DANTAS, 2009).

De acordo com Góes (1964) os Lundgren tinham uma visão ampla de conhecimentos industriais, investiram no território e assim conseguiram obter êxito, ao comparem as terras onde construíram a fábrica, começaram um processo de revalorização econômica não só para a cidade de Mamanguape, como também para todo o estado da Paraíba, possibilitando um aumento significativo em sua economia.

Ao considerar uma reflexão desse processo perceber-se que a análise das relações de poder não se configura apenas em estar em condições de realizá-la, mas se constitui em um primeiro momento na análise da gama das ações de quem sabe praticar para modificar o meio e explorá-lo, tirar o necessário a vida, sendo capaz de fazer com que sejam realizados por outros, pois ao império direto sobre o número do acrescenta-se assim um império sobre os outros (CLAVAL, 1979).

O processo de construção da fábrica se territorializa para possibilitar a edificação de um “império” em um lugar onde não havia perspectivas de desenvolvimento econômico em larga escala. Segundo Góes (1964) quando “Frederico Lundgren foi questionado sobre o que iria fazer naquelas terras, ele respondeu: vou plantar gente, e assim o fez”.

3.1 A Materialidade do Poder: A construção

Com casas similares a de Paulista/PE, Rio tinto foi aos poucos sendo construída, no intuito de aperfeiçoar o que já existia em Paulista, sendo formada de acordo com as necessidades que iam aparecendo e se constituindo com características que lembrava a cidade de Paulista.

Espelhada na estrutura urbana existente em Paulista-PE, Rio Tinto nasce com a pretensão de aperfeiçoá-la. “a forma dessas duas cidades não foi resultado de projetos urbanos previamente planejados por especialistas” (CORREIA, IN PANET, A. et al 2002, p.151), mas resultaram principalmente da percepção dos proprietários fabris.

[...] embora possua ruas largas, arborizadas e com canteiros centrais, sua implantação se deu sem um planejamento global. Segundo Lima Junior (2006), Frederico Lundgren, fundador de Rio tinto, desejava construir um modelo de cidade, tendo como base Paulista, sua cidade-irmã, onde sua empresa teve início e se desenvolveu até necessitar expandir-se em novas terras. Assim Rio tinto e Paulista compartilharam muitas semelhanças, como os nomes das ruas, que nelas se repetem. (DANTAS, 2009, p.45-46).

Buscando desenvolvimento e expansão dos seus negócios, os Lundgren começaram a construção da Vila Operária estruturando moradias e ruas com a aparência similar as de Paulista, onde ambas refletem a hierarquização dos trabalhadores no processo fabril. Nos dois casos, adotou-se uma padronização de casas distribuídas em grupos, porém a residência dos Lundgren fugia da padronização e se posicionava em um local de destaque na parte alta da cidade onde havia um caminho que os levava direto a fábrica principal (DANTAS, 2009). Nos dias atuais é possível constatar (figuras 02, 03, 04 e 05) a estruturação das ruas, algumas casas e o Casarão dos Lundgren em Rio Tinto.



Figura 02: Entrada da cidade.
Fonte: Arquivo da autora, 2015.



Figura 03: Construções que caracterizam a cidade.
Fonte: Arquivo da autora, 2015.



Figura 04: Ruas largas
Fonte: Arquivo da autora, 2015.



Figura 05: Casarão do Lundgren na Vila Regina
Fonte: Arquivo da autora, 2015. .

A fábrica teve seu processo de construção iniciado em 1918 e foi inaugurada no ano de 1924, e mediante seu funcionamento a economia de Mamanguape foi revigorada, representando assim durante o período 1924 a 1962 – o auge econômico da fábrica – uma importante fonte econômica do estado da Paraíba. O local onde a fábrica foi implantada tinha condições favoráveis a esse crescimento: proximidade ao oceano atlântico, disponibilidades de matéria-prima, facilidade de transporte e disponibilidade de fontes de energia (DANTAS, 2009).

O processo de criação da cidade-fábrica se deu para atender as necessidades do processo de construção daquele espaço de poder. Tornou-se, portanto, essencial construir moradias

para atender a população operária que necessitava de condições dignas para sobreviver, entre as construções dos funcionários também foram construídas áreas de lazer, hospital, escolas, entre outras construções (figuras 06, 07, 08, 09), e que atualmente algumas servem para outra finalidade que não aquela que a princípio foram utilizadas.



Figura 06: Antigo hospital de Rio Tinto.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 07: Clube esporte de Rio Tinto localizado na Vila.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 08: Prédio escolar na Vila Regina.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 09: Antigo cine clube.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Um dos pontos importantes a ser ressaltado é que os professores eram contratados pelos donos da fábrica e iniciavam as crianças na religião e as orientavam para que as mesmas preservassem a saúde para terem produtividade no futuro trabalho fabril, tais questões demonstram a dimensão da dominação exercida pela família Lundgren.

De acordo com Panet (2002) o processo de formação da cidade não foi constituído a partir de um planejamento urbano prévio visto que a decisão do local onde as residências dos operários iriam ser construídas era determinada pelo o Coronel³ Frederico.

Nesta perspectiva, percebe-se que nesse processo de construção, ainda não se pensava a edificação da vila operária como cidade, porém, em análise o planejamento arquitetônico que se encontram essas construções é permeado por intencionalidades que caracterizam o poder exercido.

A cidade de Rio Tinto possui belas construções e paisagens, tendo em vista que muitas de suas construções são similares – como as casas operárias –, e as construções dos proprietários que eram feitas com tijolos vermelhos para se diferenciar dos demais casebres destinados aos operários. De acordo com Panet (2002) a localização e a escolha dos tijolos a ser utilizados distinguiam e acentuava o grau de importância da edificação, o que se constituía como uma forma de imposição de hierarquia, onde a presença do tijolo vermelho sugere ao operário um comportamento de respeito e conformismo diante da obra e do espaço a ele destinado.

Através de suas construções o poder foi sendo materializado e territorializado mesmo que de forma discreta e/ou camuflada, pois qualquer projeto no espaço que é expresso ou que tenha alguma representação, por meio do território ou por meio de imagens demonstram relações de poder, as quais constituem as heranças territoriais da cidade e conformam a sua configuração territorial na atualidade.

Para Panet (2002) a materialidade dos principais poderes em Rio Tinto, Deus e a Companhia, a representação do poder se faz presente na configuração de sua estrutura, tendo em si símbolos que nos remete a ideologia que em Rio Tinto a Companhia era tão importante quanto Deus, ambos estariam unidos para o bem de todos (Figuras 10 e 11).

³ É importante ressaltar que na época, prevalecia o sistema de coronelismo, que é usado para definir as relações de poder que parte de uma liderança sobre um determinado povo, geralmente um grande proprietário, dono de um latifúndio, um senhor de engenho pessoa que detinha grande poder aquisitivo, se dava ao nome de Coronel.



Figura 10: Estátua de Frederico Lundgren
Fonte: Arquivo da autora, 2016



Figura 11: Igreja Santa Rita de Cássia
Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Os Lundgren exerciam poder econômico, social, cultural e político. Nesta perspectiva (ANDRADE apud RODRIGUES, 2008, p.103) vem dizer que “tão extenso é o domínio dessa fábrica que abrange todo novo município de Rio Tinto onde se diz ‘só o ar que se respira não é propriedade da fábrica’”.

A cidade operária de Rio Tinto foi criada de forma estratégica, pois as disposições das construções foram intencionais, como por exemplo: a entrada principal e o núcleo central, onde se encontra a fábrica, a igreja, a praça e as melhores residências da cidade.

[...] estas disposições denotam a suntuosidade almejada pelos antigos donos da cidade uma forma de impor respeito e admiração àqueles que visitavam Rio Tinto. Segundo seu percurso, encontraremos, no final da rua, os portões da fábrica-matriz. Para retornar, contorna-se a praça João Pessoa, passando pela igreja Santa Rita de Cássia, padroeira da cidade, e pela estátua do Coronel Frederico, bem ao centro, e retorna-se no sentido contrário a mesma rua principal. Este percurso intencional permitia que o visitante tivesse acesso à fábrica sem passar pelos arruados de casas dos operários menos qualificados. (PANET, 2002, p.42).

Percebe-se que a Vila Operária foi construída em um padrão que separava os funcionários de cargos inferiores, para que no centro da cidade as ruas e moradias atraísse a atenção pela sua beleza, dando destaque a fábrica. Nos dias atuais na cidade de Rio Tinto-PB, encontra-se na praça, em destaque à frente da igreja, a estátua de seu fundador, como um símbolo de poder.

Os Lundgren conseguiram desenvolver na cidade de Mamanguape um modelo de vila operária que já havia sido implantado no Brasil desde o final do século XIX, porém ainda não

havia sido construído naquela região, onde eles conseguiam ter o total controle dos seus funcionários, pois a distribuição da estrutura da fábrica era: a fábrica no centro, casas dos operários ao lado e dos administradores menores também todas juntas. Assim os Lundgren transformaram a estrutura territorial do vale do Mamanguape a partir do momento que instauraram um modelo que era comum em outras regiões do país.

O poder se manifesta na comunicação, na troca de informações em que se estabelecem duas forças que partem de seu campo de atuação e das relações que se diferenciam na estrutura e configuração onde um se fragmenta em linhas e o outro em elementos de configuração (RAFFESTIN, 1993). As relações de poder que envolvem os distintos interesses de grupos sociais no período de construção da cidade de Rio Tinto revelam como esse processo se consolidou, pois, é possível identificar os elementos que configuraram a Vila Operária permanecem até os dias atuais.

Desta maneira o território seria as relações de poder que se dão em um determinado espaço, as quais ocorrem em redes, em uma troca constante de energia e informação, isto é, por meio do trabalho, trabalho relacionado a qualquer energia empregado com um determinado conhecimento, em todos os níveis de relações. (TEIXEIRA, 2010, p.03).

Algumas das construções edificadas pela família Lundgren (Figuras 12, 13, 14 e 15), fazem parte da arquitetura e patrimônio da cidade, e assim territorializam as distintas relações de poder estabelecidas por atores sociais diversos que constituíram o processo de formação territorial da cidade de Rio Tinto.

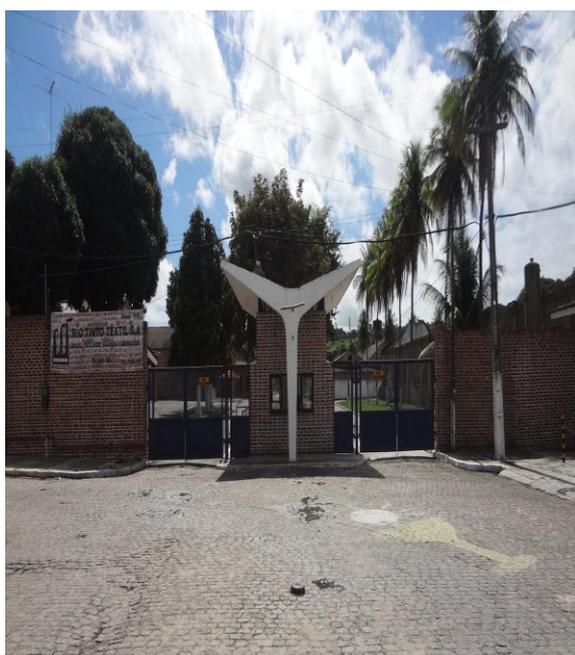


Figura 12: Entrada da Fábrica de tecidos
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 13: Ruínas da extensão da fábrica na Vila Regina
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 14: Galpões da fábrica na Vila Regina.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.



Figura 15: Uma das moradias para os médicos da época.
Fonte: Arquivo da autora, 2016.

3.2 A emancipação territorial: uma necessidade econômica

Em 1925 meio ao processo de construção e instalação da fábrica começou a surgir conflitos de interesses entre o poder político da cidade de Mamanguape e dos donos da fábrica de tecidos, acerca do pagamento de impostos, pois eles queriam que a isenção de impostos concedida pela Assembleia Legislativa fosse estendida ao município (RODRIGUES, 2008).

Neste cenário, inicia o processo de emancipação da cidade, que durou um longo período, pois havia disputas de poder que envolviam tanto os interesses da Prefeitura de Mamanguape em se beneficiar os impostos pagos, quanto da fábrica em aumentar sua margem de lucro através da isenção tributária e autonomia em facilitar suas ações para atuar em prol dos seus interesses. Segundo Panet apud Dantas (2009) os Lundgren estavam fortalecendo sua participação na vida política com representantes e membros da família na Câmara Municipal de Mamanguape e na Assembleia Legislativa Estadual, e em 1959, Arthur Lundgren, irmão do fundador de Rio Tinto, foi nomeado prefeito da nova cidade.

De acordo com os interesses econômicos e políticos a família Lundgren, conseguiram transformar a vila operária em município no ano de 1956, tendo como cede sua vila operária, conquista essa que tinha por interesse unificar o poder econômico ao poder político que a família detinha. (DANTAS, 2009). Após a emancipação, os Lundgren deixaram de deter apenas o poder econômico sobre seus operários enquanto donos da fábrica para também

exercerem o poder político sobre os novos cidadãos rio-tintenses, pois Arthur Lundgren além de proprietário da Fábrica de Tecidos Rio Tinto tornara-se prefeito da cidade, e proprietário de praticamente todas as terras onde se localizava a nova cidade, portanto, Rio Tinto se afirma enquanto cidade, mais sem território próprio.

Neste contexto atuam diferentes intencionalidades representadas por elementos políticos econômicos, culturais ou sociais que provém de indivíduos ou dos grupos existentes, que constituem um território. Pois as relações têm como consequência à produção territorial, em disputas de poder, do Estado ao indivíduo passando por todas as escalas onde distintos atores atuam e produzem estas relações de poder no território (RAFFESTIN, 1993).

3.3 A Relação fábrica/Lundgren/População

O processo de construção da fábrica levou os Lundgren a buscar financiamento junto a instituições financeiras, todavia não encontrando apoio aqui no Brasil, saem em busca de alternativas e consegue adquirir capital alemão e inglês, o que ocasionou, inclusive, a vinda de empregados europeus para trabalhar na fábrica rio-tintense. Esse processo de imigração contribuiu para a difusão de uma série de costumes e influências até hoje encontradas na cidade, principalmente na sua arquitetura. (PANET, 2002 apud DANTAS, 2009).

Esse processo de estruturação ganhou destaque na mídia, tanto que em 1932 o jornal *A União* destaca os empreendimentos realizados até então pelos Lundgren, enfatizando a importância da indústria de tecido Rio Tinto como o maior polo têxtil do nordeste do país, evidenciando as construções existentes para atender a demanda da cidade-fábrica, como moradias, lojas, entre outros equipamentos, transformando-se assim na maior vila operária do Brasil.

A construção da fábrica atraiu trabalhadores para a Vila Operária, impulsionando a economia da região e proporcionando uma nova configuração territorial. As movimentações operárias começam a aparecer nos anos de 1930, 1946 e 1951, e a organização do primeiro sindicato em 1932, quando a classe trabalhadora reivindicou melhorias salariais e melhores condições de trabalho como diminuição da carga horária estabelecida.

De acordo com Vale (2008) a fundação do sindicato, assim como outras tentativas de organização operária foram rechaçados por Frederico Lundgren, afirmando que o sindicato se fazia desnecessário, utilizando medidas repressoras como o decreto de demissões de funcionários que tivessem envolvimento com essas associações.

O sindicato, de acordo com a documentação pesquisada, atua até cerca de 1933, tendo sofrido várias coações do mandatário da tecelagem, o que é observado nos primeiros meses de funcionamento, quando a fábrica ordena dispensa ou transferência dos operários sindicalistas. É o caso do vice-presidente, o contramestre Manoel Rocha, demitido em abril de 1932, como se depreende do teor de telegrama enviado ao gabinete do Ministro da Viação e Trabalho: Pedimos interceder Ministro da Viação e Trabalho agir Lei garantir operários syndicalizados que sofrem rebaixo e demissões injustas sem apoio justiça; fazer cumprir artigo 13 decreto 19.770⁴ (VALE, 2008. p.65).

É importante ressaltar que o sindicato passou por um período de dominação dos Lundgren que exerciam controle sob os direcionamentos estabelecidos por essa instituição, inclusive mantendo controle sob a escolha dos sucessores a presidente, porém com o tempo esse processo mudou e os operários eram responsáveis pelos cargos e decisões do sindicato. A fábrica começou a perder forças diminuindo assim sua participação no mercado a partir do desenvolvimento do setor têxtil na região sul do Brasil, o que culminou no fechamento da Fábrica de Tecido Rio Tinto.

Estas relações de conflitos existentes que se deram entre os proprietários e dirigentes da fábrica com seus operários, evidencia as resistências por parte dos operários à imposição do poder exercido pelos Lundgren, pois essa relação traz indícios de uma possível e determinada troca entre os que exercem o poder e aqueles a quem o poder é exercido sobre. As resistências e contestações são conseqüências invariáveis, a que sempre estarão sujeitos os detentores do poder.

4 DO PODER HEGEMÔNICO A FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL

Construída para promover a expansão e o desenvolvimento industrial, inicia-se o processo de venda das terras e a conseqüente perda territorial dentro da cidade que eles construíram. De donos do “império” a proprietários dos imóveis da cidade, essa foi a trajetória dos Lundgren. Porém sua presença ainda é sentida na administração de suas propriedades, pois ainda mantêm o controle dos imóveis por eles construídos. Muito dos operários ao se aposentarem, tentaram negociar a indenização em troca da moradia, todavia, em muitos casos a fábrica avaliava a residência com valor acima da indenização, o que impedia que o trabalhador adquirisse o imóvel e o mesmo continuava a pertencer aos Lundgren (VALE, 2008).

⁴ Sindicato dos operários do município de Mamanguape. Telegramas e Viagem. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Arquivo da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS – Recife, PE). Prontuário n.0037, Arquivo n. 198. Titular Sindicato dos Operários do município de Mamanguape. Documento 2: 25 de abril de 1932.

Segundo informações fornecidas por parte da Companhia de Tecidos Rio Tinto que ainda mantêm um escritório para administrar os patrimônios e interesses dos proprietários, uma boa parte dos moradores da cidade e ex-funcionários da fábrica por não possuírem casas próprias ainda pagam aluguéis à fábrica movimentando uma parte da economia do município de Rio Tinto.

Dentro destas condições eles permanecem estabelecendo no território relações de poder, à medida que o poder puro só é efetivo quando acompanhado de um controle permanente, ou quando força um receio que aumenta a eficiência desse controle, o que acontece no caso em análise. De início, nenhuma preparação psicológica é necessária para exercê-lo: o chefe não tem necessidade de se fazer conhecer, de se fazer amar e de persuadir os dominados de sua posição (CLAVAL, 1979).

Portanto, percebemos que mesmo ao longo dos anos, Rio Tinto carrega suas heranças territoriais, presentes nas lembranças de antigos funcionários da fábrica, moradores da cidade e em suas construções, entre outros meios que nos denotam as lembranças da presença marcante dos Lundgren naquele território.

A morte do empresário e coronel Frederigo Lundgren, fundador da cidade, ocorreu 10 anos antes de Rio Tinto transforma-se em cidade, no ano de 1946, nesse período tudo era comandado por eles, e suas ordens eram respeitadas em todo o vale do Mamanguape.

[...] o coronel Frederico João Lundgren por motivo do destino adoeceu, de um mau muito grave que não teve jeito para os médicos, na época a medicina era muito atrasada, não havia equipamento apropriado para muito tipo de doença, vindo médico de todo canto do mundo, mais não teve jeito. No dia 25 de janeiro de 1946, o grande coronel é empresário veio a falecer, deixando tudo para trás, sua fábrica e fazendas que tanto ele sonhou, seus carros, seu jatinho particular que ele tanto andava, seus operários, seus amigos que ele tanto amava. (COSTA, 2003, p.22).

Após a morte de Frederico Lundgren quem assume o controle da fábrica é seu irmão Arthur Lundgren que 1959, é eleito como o primeiro prefeito após o processo de emancipação da cidade-fábrica. Esse processo de emancipação foi encaminhado pelo Deputado Eduardo Ferreira de Alencar – seu genro – e efetivado pela Lei 1622, de 06 de dezembro de 1956.

A atuação dos Lundgren foi bastante estratégica, pois chegaram a “aldeia da Preguiça”⁵ e transformaram a região em um sistema industrial de grande importância econômica para a

⁵ Terras onde foi construída a fábrica Rio Tinto, próximos a aldeias e terras indígenas, onde em um período da história teve conflitos e esses conflitos penduram até os dias atuais, pois os Lundgren tentaram se apropriar de terras que não os pertenciam.

Paraíba, porém esse processo ocorreu com o sistema de patronato, onde por muito tempo continuou a funcionar.

[...] Todas as terras que pertencia ao município eram da fábrica de Rio Tinto. Antes de o município passar a ser cidade, seus fundadores trabalhavam em benefício do desenvolvimento, fazendo muitas casas para seus operários, construíram muitas ruas largas e compridas, chegaram a construir mais de três mil casas, investiram muito no campo e lavouras, que nessa época havia muita abundância e fartura nos seus campos. (COSTA, 2003, p. 10).

Em 1963 Antônio Fernandes é eleito prefeito da cidade de Rio Tinto, vindo da classe operária ele representava a mudança e a quebra da autonomia política dos Lundgren, além de se comprometer em atender os anseios da classe trabalhadora.

Uns dos problemas enfrentados pela fábrica também neste período foi o desenvolvimento industrial ocorrido no sul do país, e a fábrica que tinha tantos funcionários começou a diminuir gradativamente a quantidade de mão de obra e comprar novas máquinas, porém isso não foi o suficiente e em 1983 a fábrica decreta falência.

Para Panet (2002) o que aprofundou esta crise foi à desigualdade tecnológica entre setores, prejudicando a produtividade e ocasionando gradativamente a decadência da indústria têxtil na Região Nordeste, especificamente a fábrica de Tecidos Rio Tinto.

Nesse período ocorreram modificações estruturais em Rio Tinto, que deixou de ser uma cidade fabril e passou a se desenvolver não mais pelo processo de tecelagem. Segundo Vale (2008) a crise na fábrica se agravou no ano de 1970, e como consequência houve a demissão de uma grande quantidade de trabalhadores, e possibilitou uma nova funcionalidade ao patrimônio da fábrica, pois algumas casas e prédios foram vendidos ou negociados como pagamento a funcionários antigos, assim como uma parte das terras da fábrica foram vendidas a destilarias de álcool para o cultivo de cana-de-açúcar.

Ainda de acordo com Vale (2008) entre 1983 e 1990 a fábrica caminhou para o fim de suas atividades, em virtude das circunstâncias econômicas, o que segundo o diretor Walter Shummarcher, não seria viável o investimento⁶. Apesar disso são mantidos os funcionários de administração patrimonial e imobiliária.

⁶ Rio Tinto – recepção para Hitler após Segunda Guerra. Revista Conterrânia – O interior por outro ângulo. Paraíba – junho/julho de 1992. ano I, No. 1, p.6.

4.1 A atual configuração territorial de Rio Tinto

Apesar o declínio das atividades industriais exercidas pela fábrica, ainda existem fortes traços de seu auge nas lembranças dos antigos moradores da cidade. No prédio onde existia a grande produção de tecidos atualmente funciona um campus da Universidade Federal da Paraíba, o mesmo foi desapropriado e designado como patrimônio público. Todo seu entorno remete a participação dessa família no processo histórico de formação territorial da cidade, tanto por ter presentes moradores que trabalharam na antiga fábrica, e fizeram parte dessa história, como também por ter presente na cidade monumentos que destacam a presença marcante dos Lundgren.

Neste contexto, é evidente o domínio territorial exercido pelos Lundgren, ao inaugurar a fábrica recorre-se inclusive a estratégias de publicidade para atrair a atenção e aumentar de forma considerável a quantidade de operários que migram para atuar na fábrica, e adquirindo posição de destaque entre os grandes empresários do setor.

De acordo com Raffestin (1993) a população se constitui como a fonte primeira de energia e é natural que se busque fazê-la crescer ou se deslocar para atingir este ou aquele objetivo, para que esta ação possa garantir a modificação territorial, sendo que todos os meios foram utilizados ao longo da história: desde a coerção pura e simples até a incitação moral, passando pelo jogo das remunerações e violências.

Este cenário de disputas e interesses em que se constituem a formação territorial, econômica e política da cidade de Rio Tinto fazem dela uma cidade com características peculiares, pois segundo os dados fornecidos pela Secretaria da CTRT, estima-se que aproximadamente 70% das terras da cidade ainda pertençam à companhia, e a porcentagem só não é mais extraordinariamente significativa, pois a CTRT teve partes de suas terras vendidas e outras desapropriadas pelo governo. Nos dias atuais existe uma questão judicial em andamento por parte da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que pleiteia algumas propriedades.

Esta disputa judicial vem de uma longa e árdua batalha, e teve seu início marcado a partir das reivindicações dos índios potiguaras que lutam pela posse de suas terras, pedindo pela demarcação delas assim como nos relata Silva:

Os índios esperaram a demarcação de suas terras até o final de 1978, só que a demora em acontecer fez com que eles tomassem a decisão em dezembro do mesmo ano de iniciar por contra própria a autodemarcação das terras. Os índios solicitaram a Universidade Federal da Paraíba os aparelhos para realizar tal trabalho, tendo em vista que as negociações entre os invasores e

a FUNAI não produziram efeito positivo, já que a FUNAI apoiava esses invasores. A súplica dos potiguaras dói atendida, mais a demarcação dói interrompida pela própria FUNAI sob alegação de não ter sido indagada a esse respeito. (Silva, 2013, p.120).

Esse processo de demarcação se prolongou, pois faltava de certa forma um consenso por parte dos envolvidos, dificultando assim a vida dos índios naquela região. De acordo com Silva (2013) após uma decisão drástica por parte dos indígenas de ocuparem a sede da FUNAI em João Pessoa, para efetivar as demarcações de terra no ano de 2003, porém apenas três anos depois isso aconteceu.

Três anos depois houve uma mobilização indígena insistindo para que o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) aceitasse o recurso do Ministério Público Federal em oposição a decisão do Tribunal Regional Federal da 5ª região em Recife, a qual dava provimento as ações contrária aos índios. Em novembro de 2006 foi anulado o despacho ministerial pelo STJ, consentindo a demarcação das terras faltando apenas a portaria declaratória emitida pelo Ministério da Justiça.

Finalmente em dezembro de 2007, Tarso Genro Ministro da Justiça assina em Brasília a Portaria Declaratória da TI (Terra Indígena) Potiguara de Monte-mor com um total de 7.487 hectares, acabava naquele instante a dolorosa batalha dos potiguaras para a reaver suas terras que por direito lhes pertenciam, Após a demarcação os índios aguardam agora a homologação de suas terras. (SILVA, 2013, p.122).

Contudo, mesmo depois de terem suas terras demarcadas, os índios não ficaram livres desses conflitos, pois a CTRT ainda era proprietária das casas da aldeia Monte Mor, e iniciaram uma disputa judicial para conseguir obter os aluguéis de suas propriedades. Segundo Silva (2013) através de um acordo ficou acertado que se pagaria uma taxa simbólica a companhia, e assim os índios não seriam expulsos de suas casas. Porém, segundo dados da companhia eles deixaram de pagar esse aluguel e o processo esta em andamento até os dias atuais, e as terras da Vila Regina/Monte Mor ainda não foram homologadas por parte do Governo Federal, e as partes esperam por essa decisão judicial.

As informações obtidas a partir de um vídeo produzido pela Universidade Federal da Paraíba evidenciam como ocorreu o processo de invasão do território indígena, que a princípio, quando os Lundgren chegaram àquela região a população indígena já habitava, e eles conseguiram comprar apenas um lote de terra e daí por diante começaram a adentrar nas terras indígenas. Os indígenas deixaram de pagar o aluguel dessas propriedades construídas nessas terras que foram apropriadas pelos Lundgren, pois a companhia começou a usar o dinheiro dos aluguéis para a contratação de advogados no processo contra os indígenas que buscam a homologação do território da Vila.

A CTRT, que representa o grupo Lundgren, apenas administra os imóveis de sua propriedade, trabalhando com o sistema de pagamentos de aluguéis que funciona como prescreve as normas das leis do inquilinato, a partir de um Contrato de Locação. O pagamento do aluguel é feito mensalmente no escritório da empresa proprietária.

No início quando a fábrica estava em pleno funcionamento, todos os moradores eram operários na fábrica, ou trabalhavam para ela, e pagavam baixos aluguéis, assim que a cidade foi emancipada e os moradores tiveram que pagar os impostos públicos a companhia fez um acordo com a prefeitura sobre o valor dos aluguéis, sendo que atualmente esses valores já são cobrados em cláusulas do contrato.

O território que atualmente ainda pertence ao grupo Lundgren em Rio Tinto é denominado de “Zona Urbana I da propriedade da preguiça” que compreende as principais ruas da cidade. As outras propriedades são denominadas: Patrício, Salema, Salgado, Zona urbana II da propriedade preguiça, Monte Mor, Gameleira e Catolé, outras áreas que pertenciam ao grupo foram vendidas ou desapropriadas pela PMRT (Prefeitura municipal de Rio Tinto).

O território, base teórica e empírica desta pesquisa é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. É no território que se constituem as relações existentes de dominação que podem deixar de existir, e ao mesmo tempo podem se constituir em novos meros reprodutores de identidade territorial (SOUZA,2008). Mesmo que a emancipação da cidade-fábrica tenha resultado em outra configuração política, econômica e social, a CTRT ainda exerce influência na política da cidade, em uma proporção menor, mais ainda de grande relevância para o município.

4.2 Rio Tinto: Uma perspectiva atual feita através de análises do Discurso do Sujeito Coletivo.

A partir da proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lefevre & Leferve, 2003) possibilita desenvolver uma análise de forma qualitativa⁷ através da realização de entrevista onde o sujeito fala de forma aberta, expressando assim suas opiniões e seus posicionamentos.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, desenvolvido por Lefevre e Lefevre³ no

⁷ A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, com um nível de realidade que não poder ou não deveria ser quantificável. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, dos valores e atitude. Este conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes (MINAYO, 2008, p. 21)

fim da década de 90, e tem como fundamento a teoria da Representação Social. O DSC é um discurso-síntese elaborado com partes de discursos de sentido semelhante, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados (FIGUEIREDO, 2013, p.130).

Portanto o DSC nos permite ter conhecimento sobre as representações e pensamentos da coletividade. Para desenvolvermos a pesquisa as entrevistas foram pensadas de forma estratégica, para que assim fosse possível ter uma visão abrangente dos principais atores inseridos nessa realidade, possibilitando o desenvolvimento de uma análise das relações de poder que nos dias atuais territorializam na cidade de Rio Tinto. Em uma das entrevistas temos destaques de duas cores, por se tratarem de respostas de dois entrevistados onde foi aplicado o mesmo questionário, segundo a metodologia utilizada nessa pesquisa é preservado a identidade dos entrevistados a seguir.

I. Transcrição da entrevista feita a partir das ideias centrais das respostas obtidas, e a identificação das Expressões chave (ECH) que foram destacadas em cores.

Em sua perspectiva, qual a importância da Companhia no processo de estruturação e desenvolvimento econômico da cidade de Rio Tinto?

A companhia foi fundadora da cidade de Rio Tinto e responsável por todo o processo de estruturação e expansão urbana da cidade. Que gerou emprego e renda, sendo assim muito contribuiu para o crescimento e o desenvolvimento da cidade, no período em que a indústria funcionou, de 1924 a 1989, período em que gerou emprego e renda para a população. Porém após o fechamento da fábrica, a empresa mantém apenas a administração dos imóveis (casas e terrenos). Como eram estabelecidas as relações com os moradores da Vila no início do processo de desenvolvimento da Companhia? Os moradores da Vila eram todos funcionários da empresa. Atualmente, a relação é pacata, sem conflitos, apesar das questões sobre as terras transcorrerem judicialmente. Nessas relações estabelecidas com os moradores da Vila, em algum momento, já ocorreram conflitos em relação à posse das propriedades? A partir de 1997 se deu a pretensão da União em transformar a área da Vila em reserva indígena. Inicialmente a FUNAI se responsabilizou pelos pagamentos dos aluguéis das famílias que eram cadastradas como indígenas. Mas, posteriormente esse pagamento foi suspenso por parte do mesmo órgão, e os moradores não cadastrados como indígenas foram forçados a deixarem de pagar seus aluguéis. A empresa entende que enquanto essas terras não forem homologadas, não cabe a isenção de pagamentos dos aluguéis. Em relação à reivindicação de posse de terra por parte dos povos indígenas, qual o posicionamento da Companhia neste processo? Primeiramente, seria necessário comprovar se essa população são realmente indígenas. Não existe reserva indígena, apenas pretensão, pois a área não foi homologada, e ainda pertencem a Companhia de Tecidos Rio Tinto. Na época em que foi adquirida, não existia aldeamento. A compra foi feita legalmente registrada em cartório. Qual o posicionamento da Companhia em relação ao processo de reapropriação dos patrimônios da

Vila pertencentes à Companhia? A possibilidade de reapropriação é remota, uma vez que a propriedade encontra-se com muitas construções irregulares. Cabe-nos aguardar decisão judicial. Atualmente quantas propriedades pertencem a Companhia e qual percentual de terras sob esta instituição? Atualmente, a Companhia é proprietária de 12 (doze) propriedades. Em algumas dessas propriedades estão edificadas aproximadamente 2.463 imóveis (casas). Essas propriedades compreendem uma área total de aproximadamente 565,98 hectares.

II. Identificação das ideias centrais

| | |
|---|--|
| ECH | |
| <p>Foi fundadora da cidade de Rio Tinto, responsável por todo o processo de estruturação e expansão urbana da cidade. Muito contribuiu para o crescimento e o desenvolvimento da cidade, no período em que a indústria funcionou, de 1924 a 1989, período em que gerou emprego e renda para a população.</p> <p>Após o fechamento da fábrica, a empresa mantém apenas a administração dos imóveis (casas e terrenos).</p> <p>Os moradores da Vila eram todos funcionários da empresa. Atualmente, a relação é pacata, sem conflitos, apesar das questões sobre as terras transcorrerem judicialmente.</p> <p>A partir de 1997 se deu a pretensão da União em transformar a área da Vila em reserva indígena. Inicialmente a FUNAI se responsabilizou pelos pagamentos dos aluguéis das famílias que eram cadastradas como indígenas. Mas, posteriormente esse pagamento foi suspenso por parte do mesmo órgão, e os moradores não cadastrados como indígenas foram forçados a deixarem de pagar seus aluguéis. A empresa entende que enquanto essas terras não forem homologadas, não cabe a isenção de</p> | <p>Id1 – A cidade de Rio Tinto surgiu das relações existentes no período em que funcionava a fábrica de tecidos.</p> <p>Id2 – Nos dias Atuais a fábrica ainda possui uma grande parte das propriedades da cidade.</p> <p>Id3 – existe um processo judicial em andamento a respeito do território da Vila que envolve indígenas, companhia e usineiros.</p> <p>Id4 – O processo que vem em andamento na justiça implica em desavenças e desacordos, pois a companhia não acredita na existência de terras indígenas naquele território em disputas, e espera o pagamento dos aluguéis das casas que construíram, pois enquanto não há a homologação das casas não existe território indígena naquele local.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>pagamentos dos aluguéis.</p> <p>Primeiramente, seria necessário comprovar se essa população são realmente indígenas. Não existe reserva indígena, apenas pretensão, pois a área não foi homologada, e ainda pertencem a Companhia de Tecidos Rio Tinto. Na época em que foi adquirida, não existia aldeamento. A compra foi feita legalmente registrada em cartório.</p> <p>A possibilidade de reapropriação é remota, uma vez que a propriedade encontra-se com muitas construções irregulares. Cabe-nos aguardar decisão judicial.</p> <p>Atualmente, a companhia é proprietária de 12 (doze) propriedades. Em algumas dessas propriedades estão edificadas aproximadamente 2.463 imóveis (casas). Essas propriedades compreendem uma área total de aproximadamente 565,98 hectares.</p> | <p>Id5 – A companhia de tecidos não reconhece a população da vila como indígena, pois o processo de homologação ainda está na justiça, eles alegam que na época em que compraram as terras não existia a presença de aldeamento.</p> <p>Id6 – Devido ao tempo em que se encontra na justiça esse processo, a empresa apenas espera que a situação se regularize.</p> <p>Id6 – A companhia ainda possui um saldo relativo de propriedades na cidade de Rio Tinto.</p> |
|---|---|

III. Elaboração do discurso-base que serviu como fundamento para a elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo

A perspectiva da CTRT, segundo dados colhidos, é que atualmente apenas gerenciam os imóveis de que são proprietários, e aguarda na justiça a legalização das propriedades pertencentes a eles na Vila Regina, pois de acordo com os dados apresentados pela CTRT esta é uma área que nunca pertenceu aos povos indígenas. A CTRT é proprietária de uma parcela significativa de imóveis no território da cidade e movimenta uma parte da economia de Rio Tinto.

A. Transcrição da entrevista feita a partir das ideias centrais das respostas obtidas, e a identificação das Expressões chave (ECH) que foram destacadas em cores.

| |
|---|
| <p>Como se deu o processo de fundação da Vila Regina/Monte mor?</p> <p>A vila Monte Mor, não é vila Monte Mor. É vila da Preguiça, depois de vila da Preguiça foi Nova Descoberta, e passou a ser vila Monte Mor, teve três nomes de vila. O processo de fundação se deu com os povos indígenas, pois eles já habitavam aqui, nós não chegamos, nós</p> |
|---|

já existíamos aqui. Por que nós faz quinhentos e dezesseis anos que nós nunca saímos daqui. Como se deu esse processo de reivindicação de posse das terras indígenas da Vila Regina/Monte Mor? A família Lundgren começou a invadir as nossas terras em 1917. Começou invadir, foi invadindo, foi invadindo, porque mode que quando Dom Pedro Segundo chegou aqui na capital que era Mamanguape, aí deu a cada um indígena, deu um título de terra, dividiu as aldeias, a cada uma família deu um título de terra, pra cada família, aí dessa família teve também indígenas que não moravam aqui, que não morava aqui, mas também deu um desses título de terra, dividiu, sabe. Aí começou as dor, aí vendeu. Aí Justo Araújo, veio aqui em 1866-67, fez a divisão das terras né! Aí em 1917 a companhia chegou e comprou um título de terra, aí desse título começou a invadir a nossa área, aí começou as disputas, os massacres, que ele começou a massacrar pra tomar as terras, que os títulos de terras muitos não venderam, só comprou um título de terra. Daí por diante Matando as pessoas, a ponto de matar mesmo, nos massacres. Esse processo é algo que vem acontecendo desde muito tempo atrás, desde nossos ancestrais que estão aqui, mais até onde sei é a questão que prevalece aqui é a questão da luta de nós indígenas contra os usineiros e o pessoal da Companhia de Tecidos Rio Tinto, que tem aqui na nossa aldeia Monte Mor a presença ainda de cana-de-açúcar e tem a questão aqui que eles querem ainda reivindicar a questão de casas, no caso nós habitamos e tamos aqui antes deles, se apossamos das terras, no caso teve das posse das casas, e decidimos as lideranças entraram em consenso que não iríamos mais pagar a questão dos aluguéis, aí tem toda essa luta por parte deles, e de modo que periodicamente a gente vem tendo processos mais processos, onde uma parte ganha, nos indígenas ganhamos a companhia e a usina recorrem, levam pra outra parte eles ganham, nos recorremos novamente a gente ganha então seja, toda essa luta esse processo, já vem de longas datas, e não esta nem perto de acabar acredito eu. Eles já tentaram negociar as casas? A gente sabe que a história dos indígenas estão aqui muito antes da fundação da cidade, não tem como eles dizerem que são donos de algo que não pertenciam a eles, então não tem nem fundamento, essa questão não está nem em cogitação eles venderem algo, por direito já é nosso, falta só a gente ter a homologação de nossa terra, por que o espaço delimitado já temos, todos os marcos que vem desde a entrada de Jacaraú até Rio Tinto, temos os marcos indígenas, então está faltando só a homologação da terra, pra botar um fim, essas questões dessas lutas que já vem já desde muito tempo, é uma batalha árdua que já ressaltou em muita morte de muitos antepassados, e também foi um período muito triste e sofrido pra nós indígenas por que temos toda um história de um período de lutas e grandes perdas não só pra nós indígenas, mas pra eles também. Como se estabeleceu as relações com os administradores da companhia, em relação aos pagamentos desses aluguéis, já que eles alegam serem proprietários desses imóveis que tem aqui? Se nós for reparar direitinho é eles que estão devendo a gente aqui. Cobravam o aluguel, aí teve uma decisão da comunidade junto com o Ministério Público Federal e decidimos que ninguém pagava mais aluguel aqui, desde 2008 não pagam mais o aluguel das casas, pois o dinheiro do aluguel estava sendo revertido contra os próprios moradores indígenas, a gente pagava era aquela coisa, digamos que estávamos pagando algo que seria voltado contra nós, era um dinheiro que a gente era obrigado a pagar aquela taxa, por morar na casa e aquele dinheiro era revertido contra nós que no caso eles contratavam advogados pra tá reivindicando a terra. Esse processo já vem em andamento a mais de 15 anos. Os conflitos em relação à posse da terra fazem parte do

cotidiano dos povos indígenas de maneira geral. Nesse sentido, existe apoio por parte do poder público para efetivar essa reivindicação? Nós só temos o Ministério Público aqui, que nos apóiam em tudo, assim o único poder no caso agora que tem, é a questão do Ministério Público, porque quando as lideranças das aldeias solicitam algo vão reivindicar algo, eles sempre abraçam a causa, mais fora eles por parte deles municipal ou estadual, acredito que não e se tem eu desconheço. Quais os principais argumentos alegados por parte da companhia e das usinas para esse processo de disputa de terra? O que eles alegam, é que aqui nunca existiu indígena. Só que nós foi reparar a história da Paraíba, se não tiver indígena não tem história da Paraíba. Os argumentos são os mais absurdos que a gente tem, porque dizem que, inicialmente tanto a companhia quanto as usinas alegam que aqui não somos indígenas, e sim não sei de onde arrumaram um antropólogo, que eu não sei mesmo se de fato é mesmo antropólogo, porque basta só ler a história da Paraíba que os indígenas aqui já existiam muito antes, então não tem como dizer que, como antropólogo chegou e foi afirmar por parte da, o antropólogo foi contratado por parte da companhia de tecidos Rio Tinto. O que eles alegam? É! Somos sertanejos pra eles, que nos vinhamos lá do sertão, vinhamos pra aqui. Nós somos indígenas e temos como comprovar isso, temos matérias, temos documentos que comprovam isso, portanto eles alegam dizer que são donos da terra porque não existe indígenas, existem sertanejos, ou seja não tem fundamentos essa argumentação deles. Como você percebe esse processo de disputa territorial e quais as principais barreiras políticas encontradas para que os direitos reivindicados sejam efetivamente estabelecidos? A terra que é da gente já foi demarcada. Foi demarcada, já foi colocado os marcos, já colocaram as placas, só que esta faltando agora nossa presidente da república homologar a terra, esse novo presidente. Que já faz oito anos que ta pra homologar a terra e não homologou. Enquanto isso não acontece aí nesse meio tempo é conflito por que a usinas quer plantar, e nós diz não por que a terra é da gente. Aqui mesmo em Jaraguá tirei todas as canas-de-açúcar, no lugar das canas eu botei os povos pra morar dos indígenas, onde era quatorze tinha quinze hectares hoje é só gente, onde tinha dez botei o povo pra trabalhar, construir porque tinha família aqui que era cinco família dentro de uma casa que não podia porque era cana-de-açúcar arredor, coloquei as famílias comecei a expulsar as usinas e fazer casas. A companhia alega ser proprietária das casas, nós temos as provas temos o título da terra ainda, que quando Dom Pedro chegou deu o título das terras a gente, nós temos tudo isso. Esse processo está em andamento na justiça aí nós ganhamo, aí ela foi pra receita, porque na quinta vara federal tudo são usineiros lá, o desembargador, aí nós perde. Aí nós vai pro STJ lá em Brasília, aí nós ganha. A companhia chegando a ganhar isso aqui ou até mesmo a usina chegando a ganhar, a rever essas terras, que no caso eles pensam que tem algum direito sobre essas terras, a usina vai sair lucrando porque o que aqui a aldeia Monte Mor tem um, tinha um certo plantio grande de cana-de-açúcar, ou seja aquela produção que eles tinham anteriormente antes no caso de retomada de terra eles não tem mais, e é isso que eles querem, e a companhia de tecidos perdeu muitos aluguéis de casas aqui, o prejuízo pra eles foi enorme porque a Vila Regina aqui nossa demanda não era pequena hoje em dia esta muito vasto, então se eles voltarem a retomarem tanto a usina com a cana-de-açúcar, quanto a companhia com as casas o lucro deles vai ser superior do que eles tinham a vinte, trinta, quarenta anos atrás, nem se comparam o que eles vão ter, porque eles vão querer todos os reajustes, no caso os aluguéis vão ser absurdos, caros, então o que eles perderam antigamente eles vão conseguir muito facilmente agora, vai

chegar uma hora que não vai ter nem como pagar, porque por lei pelo tempo que faz que cada morador já esta na casa a casa já é nossa, não só por questão indígena não, mas pelo tempo que já mora aqui, não tem mais porque tá pagando nada a companhia de tecidos, então a questão dessa luta se dá por isso também, e também por questões de politicagem que sabemos que infelizmente tem sim, aí tem todo esse atraso que fica vai pra qui vai pra lá, e sempre há, principalmente quando é terra a gente sabe que sempre vai ter alguém que vai querer se favorecer com essa questão. Faltando assim apenas assinar para que as terras sejam homologadas.

B. Identificação das Ideias Centrais

| | |
|---|--|
| <p>ECH</p> <p>A vila Monte Mor, não é vila Monte Mor. É vila da Preguiça, depois de vila da Preguiça foi Nova Descoberta, e passou a ser vila Monte Mor, teve três nomes de vila.</p> <p>Nós não chegamos, nós já existíamos aqui. Por que nós faz quinhentos e dezesseis anos que nós nunca saímos daqui.</p> <p>A família Lundgren começou a invadir as nossas terras em 1917. Começou invadir, foi invadindo, foi invadindo, porque mode que quando Dom Pedro Segundo chegou aqui na capital que era Mamanguape, aí deu a cada um indígena, deu um título de terra, dividiu as aldeias, a cada uma família deu um título de terra, pra cada família, aí dessa família teve também indígenas que não moravam aqui, que não morava aqui, mas também deu um desses título de terra, dividiu, sabe.</p> <p>Aí começou as dor, aí vendeu. Aí Justo Araújo, veio aqui em 1866-67, fez a divisão das terras né! Aí em 1917 a companhia chegou e comprou um título de terra, aí desse título começou a invadir a nossa área, aí começou as disputas, os massacres, que ele começou a massacrar pra tomar as terras, que os títulos de terras muitos não venderam, só comprou um título de terra.</p> | <p>Id1 – Onde tudo começou. O processo que se deu durante os anos e que hoje popularmente e conhecido como Vila Regina.</p> <p>Id2 – A população indígena existente naquele local vem desde os primórdios da história, existindo hoje, descendentes.</p> <p>Id3 – Os Lundgren após chegarem no território, conseguiram comprar um lote de terra, daí por diante foram se apropriando, se adentrando no território, e se fazendo dono, pois o território conhecido como vila da Preguiça foi dividido por lotes, e os títulos de terras entregues aos povos indígenas na época em que Dom Pedro veio a Paraíba.</p> <p>Id4 – a companhia conseguiu comprou um título de terra e começou a invadir no território indígena.</p> |
|---|--|

Matando as pessoas, a ponto de matar mesmo, nos massacres.

É algo que vem acontecendo desde muito tempo atrás, desde nossos ancestrais que estão aqui, mais até onde sei é a questão que prevalece aqui é a questão da luta de nos indígenas contra os usineiros e o pessoal da Companhia de Tecidos Rio Tinto, que tem aqui na nossa aldeia monte mor a presença ainda de cana-de-açúcar e tem a questão aqui que eles querem ainda reivindicar a questão de casas, no caso nos habitamos e temos aqui antes deles, se apossamos das terras, no caso teve das posse das casas, e decidimos as lideranças entraram em consenso que não iríamos mais pagar a questão dos alugueis, aí tem toda essa luta por parte deles, e de modo que periodicamente a gente vem tendo processos mais processos, onde uma parte ganha, nos indígenas ganhamos a companhia e a usina recorrem, levam pra outra parte eles ganham, nos recorremos novamente a gente ganha então seja, toda essa luta esse processo, já vem de longas datas, e não esta nem perto de acabar acredito eu. a gente sabe que a história dos indígenas estão aqui muito antes da fundação da cidade, não tem como eles dizerem que são donos de algo que não pertenciam a eles, então não tem nem fundamento, essa questão não esta nem em cogitação eles venderem algo, por direito já é nosso, falta só a gente ter a homologação de nossa terra, por que o espaço delimitado já temos, todos os marcos que vem desde a entrada de Jacaraú até Rio Tinto, temos os marcos indígenas, então esta faltando só a homologação da terra, pra botar um fim, essas questões dessas lutas que já vem já desde muito tempo, é uma batalha árdua que já ressaltou em muita morte de muitos antepassados, e também foi um período muito triste e sofrido pra nos indígenas por que temos toda um história de um período de

Id5 – Utilizaram por meio da força, para que assim conseguissem o controle naquela região.

Id6 – A história de reapropriação de terras não é algo recente, pois vem desde o processo de compra do engenho da Preguiça para a construção da fábrica. Um processo longo e sofrido, envolvendo nos dias atuais usineiros, indígenas e a companhia.

lutas e grandes perdas não só pra nos indígenas, mas pra eles também.

Se nos for reparar direitinho é eles que estão devendo a gente aqui. Cobravam o aluguel, aí teve uma decisão da comunidade junto com o ministério público federal e decidimos que ninguém pagava mais aluguel aqui,

2008 não pagam mais o aluguel das casas, a gente pagava era aquela coisa, digamos que estávamos pagando algo que seria voltado contra nós, era um dinheiro que a gente era obrigado a pagar aquela taxa, por morar na casa e aquele dinheiro era revertido contra nos que no caso eles contratavam advogados pra ta reivindicando a terra.

Nós só temos o Ministério Público aqui, que nos apóiam em tudo. Assim o único poder no caso agora que tem, é a questão do Ministério Público, porque quando as lideranças das aldeias solicitam algo vão reivindicar algo, eles sempre abrasam a causa, mais fora eles por parte deles municipal ou estadual, acredito que não e se tem eu desconheço.

O que eles alegam, é que aqui nunca existiu indígena. Só que nos foi reparar a história da Paraíba, se não tiver indígena não tem história da Paraíba.

Os argumentos são os mais absurdos que a gente tem, porque dizem que, inicialmente tanto a companhia quanto as usinas alegam que aqui não somos indígenas, e sim não sei de onde arrumaram um antropólogo, que eu não sei mesmo se de fato é mesmo antropólogo, porque basta só ler a história da Paraíba que os indígenas aqui já existiam muito antes, então não tem como dizer que, como antropólogo chegou e foi afirmar por parta da, o antropólogo foi contratado por

Id7 – Os indígenas já moravam aqui nas terras, eles chegaram pra se apropriar dessa terra. Fizeram construções e cobravam aluguéis, porém a população não paga já algum tempo.

Id8 – Das construções existentes na Vila a companhia tinha acesso, aos aluguéis e taxas cobradas, porém era algo que estava sendo revertido contra a própria população existente no local.

Id9 – A respeito do poder público o único que é presente é o Ministério Público da Paraíba.

Id10 – A companhia não reconhece a população da Vila Regina como indígena, mas sim reconhece aquele local como um vilarejo em crescimento.

Id11 – Após contratar um antropólogo, a companhia de tecidos, alegou que na região da Vila, não existe histórico de povos indígenas, mas sim de sertanejos que ali foram habitar.

parte da companhia de tecidos Rio Tinto

É! Somos sertanejos pra eles, que nos vinhamos lá do sertão, vinhamos pra aqui. Nós somos indígenas e temos como comprovar isso, temos matérias, temos documentos que comprovam isso, por tanto eles alegam dizer que são donos da terra porque não existe indígenas, existem sertanejos, ou seja não tem fundamentos essa argumentação deles.

A terra que é da gente já foi demarcada. Foi demarcada, já foi colocado os marcos, já colocaram as placas, só que esta faltando agora nossa presidente homologar a terra, esse novo presidente. Que já faz oito anos que ta pra homologar a terra e não homologou.

Aí nesse meio tempo é conflito por que a usinas quer plantar, e nos diz não por que a terra é da gente. Aqui mesmo em Jaraguá tirei todas as canas-de-açúcar, no lugar das canas eu botei os povos pra morar dos indígenas, onde era quatorze tinha quinze hectares hoje é só gente, onde tinha dez botei o povo pra trabalhar, construir porque tinha família aqui que era cinco família dentro de uma casa que não podia porque era cana-de-açúcar arredor, coloquei as famílias comecei a expulsar as usinas e fazer casas.

Nós temos as provas temos o título da terra ainda, que quando Dom Pedro chegou deu o título das terras a gente, nos temos tudo isso. Aí nos ganhemo, ai ela foi pra receita, porque na quinta vara federal tudo são usineiros lá, o desembargador, aí nos perde. Aí nos vai pro STJ lá em Brasília, aí nos ganha.

a companhia chegando a ganhar isso aqui ou até mesmo a usina chegando a ganhar, a rever essas terras, que no caso eles pensam

Id12 – No caso as pessoas que ali moram não são reconhecidas por indígenas aos olhos da companhia.

Id13 – Não há fundamentos nas argumentações da companhia, pois a população indígena tem provas que já existiam ali antes mesmo deles chegarem a região.

Id14 – O território indígena já foi demarcado, e espera apenas a homologação, são mais de oito anos de espera.

Id15 – A disputa pela terra vem se prolongando ao longo dos anos, e esse conflito interfere na vida daquela população.

Id16 – As provas são reais e o processo continua em andamento, pois quando uma parte ganha a outra recorre.

Id17 – O lucro que o território da Vila Regina geraria para as partes envolvidas no processo é muito alto, a companhia reaveria

| | |
|--|---|
| <p>que tem algum direito sobre essas terras, a usina vai sair lucrando porque o que aqui a aldeia monte mor tem um, tinha um certo plantio grande de cana-de-açúcar, ou seja aquela produção que eles tinham anteriormente antes no caso de retomada de terra eles não tem mais, e é isso que eles querem, e a companhia de tecidos perdeu muitos aluguéis de casas aqui, o prejuízo pra eles foi enorme porque a Vila Regina aqui nossa demanda não era pequena hoje em dia esta muito vasto, então se eles voltarem a retomarem tanto a usina com a cana-de-açúcar, quanto a companhia com as casas o lucro deles vai ser superior do que eles tinham á vinte, trinta, quarenta anos atrás, nem se comparam o que eles vão ter, porque eles vão querer todos os reajustes, no caso os alugueis vão ser absurdos, caros, então o que eles perderam antigamente eles vão conseguir muito facilmente agora, vai chegar uma hora que não vai ter nem como pagar, porque por lei pelo tempo que faz que cada morador já esta na casa a casa já é nossa, não só por questão indígena não, mas pelo tempo que já mora aqui, não tem mais porque ta pagando nada a companhia de tecidos, então a questão dessa luta se da por isso também, e também por questões de politicagem que sabemos que infelizmente tem sim, ai tem todo esse atraso que fica vai pra qui vai pra lá, e sempre há, principalmente quando é terra a gente sabe que sempre vai ter alguém que vai querer se favorecer com essa questão.</p> | <p>seus aluguéis, e as usinas conseguiriam uma demanda alta de produção de cana-de-açúcar, que antes existia naquele território. Esse processo se estende por um longo período, e infelizmente não tem prazo pra acabar. Pois onde existem terras existem pessoas querendo lucrar com elas.</p> |
|--|---|

C. Elaboração do discurso-base que serviu como fundamento para a elaboração do

Discurso do Sujeito Coletivo

A Vila Regina ficou conhecida por esse nome, porém esse não é seu primeiro nome, na época em que ocorreu a compra das terras do Engenho da Preguiça, todo o território era conhecido como Vila da Preguiça, e esse processo se deu através de disputas de terras, pois quando a CTRT chegou a esta área a população indígena já habitava. A Vila da Preguiça era

dividida em lotes e cada um possuía o seu título de terra, contudo a CTRT conseguiu adquirir através da compra apenas um título, e foi se apropriando dos outros lotes. O processo de reivindicação de posse de terras por parte dos indígenas só ocorreu por que os Lundgren se apropriaram das terras indígenas e fizeram construções cobrando assim taxas para população que morava naquele território. O processo que teve início há anos atrás, ainda está sob disputa judicial, e a CTRT alega que na Vila não havia presença de povos indígenas e por isso não há a possibilidade daquele território ser homologado como propriedade indígena, o que fez com que os indígenas suspendessem o pagamento dos aluguéis e seguem aguardando a homologação da terra, que foi demarcada desde o ano de 2008. Este embate judicial envolve a CTRT e a Usina que alegam ser donas das terras, e em contrapartida os indígenas buscam a reapropriação de suas terras que foram invadidas no passado. Um processo complicado que envolve relações de poder e territorialidade.

a) Transcrição da entrevista feita a partir das ideias centrais das respostas obtidas, e a identificação das Expressões chave (ECH) que foram destacadas em cores.

As relações existentes da Fábrica com a Companhia de tecidos do passado até os dias atuais.

No período em que a fábrica veio a fechar, os Lundgren mantinham influência sobre os moradores, ou sobre as decisões políticas da cidade de Rio Tinto? **Tem muita gente de mais idade que até hoje ainda acredita que a fábrica ainda possa funcionar, possa voltar a funcionar,** sendo assim **então como a companhia tomava partido de algum ato político dentro da cidade a maior parte dos moradores votavam em quem a companhia estava apoiando ainda com a esperança que a fábrica voltasse a funcionar e dar emprego pro povo,** o curioso é que **não me lembro do nome da última pessoa da família que morou aqui em Rio Tinto que morava na rua da vitória, quando ele morreu, eu lembro que teve muita gente foi pro enterro e comentaram que agora a fábrica ia voltar a funcionar porque esse homem morreu então eles iam fazer promessa pra ele, tavam quase fazendo dele um santo. Eu lembro que no enterro dele o pessoal todo pedindo que lá no céu ele intercedesse a Deus pra que a fábrica voltasse a funcionar.** Qual a sua opinião em relação ao fato dessas propriedades continuarem a pertencer a companhia? **É, pra mim é só atraso. O que quiser fazer aqui em Rio Tinto não consegue, você não consegue fazer um projeto bom porque não tem terreno, não consegue comprar uma casa por que a companhia ela só disponibiliza vender a um valor exorbitante que ninguém aqui tem condições de comprar, isso interfere diretamente nos aluguéis, quem quiser alugar uma casa da companhia hoje aqui em Rio Tinto, uma casa conjugada com quintal pequeno, e dois quartos, uma cozinha e sala, você não aluga por menos de quatrocentos reais,** e depois que começou a funcionar a universidade aqui, eles visam lucro, **na companhia você encontra casas de quatrocentos reais, e moradores antigos, tem moradores que pagam quarenta reais de aluguel, trinta e cinco, mas quem tá com casa de pelo menos, é... treze e quinze anos não pagam menos de duzentos reais.** São esses funcionários

mesmo aqueles que passaram muito tempo na fábrica que pagam pouco. Os valores são muito altos, os aluguéis das casas são esses só que tem um detalhe, pra você conseguir uma casa da companhia, você precisa comprar uma chave, você compra uma chave pra uma casa hoje em dia aqui em Rio Tinto por quinze mil reais, vinte mil reais, você compra a posse da chave pra ir a companhia, quando chega na companhia você ainda vai conversar com quem está lá tomando a frente na direção pra saber se eles liberam pra que você vá praquela casa, porque existe uma fila de pessoas, é, que estão procurando casas, e eles não querem que se vendam a chave, não é permitido vender a chave, mesmo sabendo que todo mundo vende, porque as pessoas investiram nas casas, elas pegaram a casa de um jeito e normalmente vão entregando com reforma em tudo quanto é canto, desde a chave da casa até primeiro andar, aumentou a casa, fez reforma completa, então as pessoas querem ter esse retorno, então você compra a chave da casa por esse valor, e ainda vai ficar de o aluguel por no mínimo quatrocentos reais e a cada ano esse valor é aumentado, e você não tem esperança dessa casa ser sua. Na sua percepção a família Lundgren exerce nos dias atuais influência na economia e na política da cidade? Exerce muita influência em todas duas, na economia justamente por isso que falei, as pessoas elas não tem é, como ter um, não tem duas vias, você só tem uma via, você precisa da companhia ela é dona da maior parte da cidade ela não está disposta a ceder nenhum pedaço de terra, ela faz de tudo pra que você não tenha meios de comprar nenhuma propriedade, então a economia ela vai ficando cada vez a ter o negócio imprensado, altamente dependente da companhia, você não tem como aumentar nada, só tentar conseguir ganhar algum dinheiro acredito só os que já tem um poder aquisitivo maior, e tem condições de comprar terreno, só que isso fica restrito a um grupo de pessoas hoje você tem aqui é um grupo formado por quatro pessoas aqui de Rio Tinto. E quanto a política aqui em Rio Tinto a companhia ela colocou um costume na população que foi de tudo que a população ela quisesse ela poderia ter da companhia, se você quebrou alguma coisa na casa precisasse de tijolo você não precisava comprar, você pedia a companhia, ela dava, se você precisasse de uma fechadura nova a companhia dava, é... pequenas coisinhas que você precisasse pra... pro seu dia a dia a companhia ela servia em tudo, e isso foi bom pra população daquela época, só que quando a fábrica fechou a população ela ficou presa a esse valor que alguém precisava lhe dar algo, então nada melhor que recorrer a política, esse, a compra de votos aqui em Rio Tinto ela também tá muito presa a herança que ficou no período dos Lundgren aqui, então aquele que dê algo, e nele que você vai votar, tudo que as pessoas querem elas acham que a prefeitura tem a obrigação de lhe dar, portanto tudo pertencia a companhia faz com que você fique preso a cultura da política em Rio Tinto de comprar votos, aqui você tem o ciclo que é, são dois grupos que comandam, ou são Gerbásio ou são os Lisboa, Lisboa Bravo, e até mesmo quando eles não estão no poder são pessoas que eles indicam, que é o grupo que ficou justamente quando a companhia realmente chegou ao fim, quando a fábrica fechou, é o mesmo grupos que tomam conta da cidade, são esses dois, quando não é um, é o outro, e as pessoas vão se acostumando de que pra votar tem que comprar votar tem que vender, e não tem pra onde correr aqui em Rio Tinto, e na minha opinião isso tá diretamente ligado justamente ao fato da companhia não facilitar a vida das pessoas, a gente sabe que é um grupo falido e que a única maneira que eles tem de ter alguma renda ainda é da cidade de Rio Tinto, e o baque que eles tiveram quando perderam terras para os indígenas foi muito grande, eles fazem de tudo pra não perder o que eles tem aqui, é justamente por isso eles não

facilitam a venda das casas, para continuar no monopólio isso completamente. Para você, quais os aspectos positivos e negativos que prevalecem vivos nas memórias dos moradores e antigos funcionários da fábrica? Fica de ponto positivo a questão histórica, a questão cultural, a gente tem prédios muito bonitos tem uma história bonita porque se é fazendo uma análise sobre como é que Rio Tinto foi construído como durante a segunda guerra faltando tanta coisa os Lundgren conseguiu fazer com que não faltassem tinta em Rio Tinto, não faltasse tecido, conseguia abastecer a importância histórica que Rio Tinto já teve na economia tanto no Estado como no País, algumas construções que teve aqui naquele período que é... em boa parte do Brasil não tinha, Rio Tinto é uma cidade diferente por ser planejada com toda uma estrutura, na realidade o que não serve hoje de construção aqui em Rio Tinto é o que foi feito depois dos Lundgren, você tem uma pequena cidade onde você tem a base militar, falida, quebrada, pequena, mas você tem, quando nas nossas redondezas aqui, você não tinha em lugar nenhum é interessante resaltar que maneira como eles tiveram a visão de construir as casas mesmo sendo conjugada, que hoje é um problema, mas naquela época não era, a divisão que ele faz da cidade, ter um lugar pras famílias morarem e uma outra parte da cidade para os homens se divertirem, bem afastada da cidade, pouco se é falado mas a briga religiosa que tem dos Lundgren contra os evangélicos que a primeira igreja evangélica que teve aqui em Rio Tinto foi a Assembleia de Deus, ela foi construída na entrada de Rio Tinto, só que ela foi construída naquele período fora da cidade, ela era fora da cidade que eles não queriam evangélicos dentro da cidade, eles não queriam as igrejas aqui, aqui é eles eram católicos mas a igreja católica que tem aqui ainda tem um acordo do período deles, nós não moramos na Diocese do Sagrado Coração de Jesus, nós moramos em outra, mas pra Rio Tinto só vem padres do Sagrado Coração de Jesus porque os Lundgren naquele período queriam os que viessem de Recife, os que viessem de Pernambuco pra cá, e até hoje tem esse acordo com a Igreja católica que pra cá, só vem padres do Sagrado Coração de Jesus e até a própria propriedade da Igreja ainda pertence a eles, o prédio ainda pertence a companhia que ainda paga o aluguel, é... tem toda essa desavença desde lá de Paulista com os evangélicos, alguns anos é... eu vi uma entrevista de um grupo evangélico da Assembleia de Deus de Paulista comentando que uma companhia, uma grande indústria de tecidos é tinha uma divergência com o pastor mandando incendiar a igreja, e eu acredito que seja muito provável que seja o mesmo grupo, então tem toda uma riqueza histórica e cultural que a maior parte das pessoas da população de Rio Tinto não sabe, mas de oitenta por cento da população acredita que os Lundgren eles são alemães, eles não sabem que são suecos, boa parte da população ainda acredita que esse pessoal tinha contato com Hitler, que Hitler viria pra cá Tem gente que até no seus livros assim, ainda comenta esse episódio. Como até mesmo uma águia que é um anjo, e o outro símbolo não me recordo agora, são dois símbolos. Até hoje eu dando aula pra alunos do nono ano, eu não consigo tirar essa mentira da cabeça deles, porque os pais contaram que a história era essa, se fala de túneis que na realidade eu não sei dizer se a história dos túneis é verdade ou não, que tem que ligava o centro até a Vila Regina, então tem toda uma história importante rica, bonita e interessante até pra se dar aulas, que a visão econômica que os pais tiveram ela é uma visão econômica muito a frente do seu tempo ninguém se preocupa em saber da história de Rio Tinto, a única coisa que as pessoas ainda se preocupam é tentar ser dono da casa, mas mesmo assim vários grupos foram criados, e a maioria deles, a maioria não, nenhum conseguiu nada, então e o ponto positivo e o negativo é

mais a questão cultural e histórica, é a história de grande valor que tem, mas o ponto negativo é que as pessoas não sabem de nada e termina vivendo nesse mundo preso aqui em Rio Tinto sem nenhuma perspectiva de melhora, só quem consegue é melhorar de vida são as pessoas que já são de famílias que tem poder aquisitivo melhor que tem relações com os políticos, eu vejo muito assim que aqui também tem uma divisão entre a geração do meu avô e a geração dos meus pais, a geração do meu avô, é ele tem os Lundgren como santos, eles não fizeram nada de errado, tudo foi bom, eles não tomaram terra de ninguém, eles deram emprego pra população, é o fato de você ter uma pequena casa, colocar cinco famílias dentro dela é algo bom, porque eles deram terras pras pessoas, eles não conseguem ter a visão de nada ruim daquele período, é alguém que lhe deu emprego, lhe deu casa, e lhe deu condições independente do valor que você recebesse, independente das condições de moradia que você tem naquela época, já a geração do meu pai, é... uma parte veio como o explorador, aquele empregador que só explora o trabalhador e tem uma outra parte que diz que eles exploravam mais que aquilo faz parte da natureza do empregador, eles não estavam fazendo nada de errado, eles tinham a obrigação de ser daquele jeito, e eles eram muito bons porque estavam dando um emprego, eu escuto falar é mais diretamente sobre a família, e não sobre a construção da cidade, a pouca coisa que eu sei sobre a construção da cidade é de poucos livros que eu li, porque até mesmo aqui é muito difícil de encontrar, temos três livros que tratam de uns alemães sobre a visita de Hitler e sobre a possibilidade de Hitler realmente ter estado aqui no casarão da vila, é... somente sobre a questão social e econômica, mas sobre a construção da cidade pouco li e pouco ouvi falar.

b) Identificação das ideias centrais

| ECH | |
|---|---|
| <p>Tem muita gente de mais idade que até hoje ainda acredita que a fábrica ainda possa funcionar, possa voltar a funcionar, então como a companhia tomava partido de algum ato político dentro da cidade a maior parte dos moradores votavam em quem a companhia estava apoiando ainda com a esperança que a fábrica voltasse a funcionar e dar emprego pro povo.</p> | <p>Id1 – Uma parte da população de Rio Tinto ainda espera até hoje que a fábrica possa voltar a funcionar e assim movimentar a economia de cidade gerando empregos e rendas para a população.</p> |
| <p>Não me lembro do nome da última pessoa da família que morou aqui em Rio Tinto que morava na rua da vitória, quando ele morreu, eu lembro que teve muita gente foi pro enterro e comentaram que agora a fábrica ia voltar a funcionar porque esse homem morreu então eles iam fazer promessa pra ele, tavam quase fazendo dele um santo. Eu</p> | <p>Id2 – A população de certa forma alimenta a idéia da possibilidade de emprego proporcionado pela antiga fábrica, que antes movimentava integralmente as oportunidades empregatícias naquele território.</p> |

lembro que no enterro dele o pessoal todo pedindo que lá no céu ele intercedesse a Deus pra que a fábrica voltasse a funcionar.

É, pra mim é só atraso. O que quiser fazer aqui em Rio Tinto não consegue, você não consegue fazer um projeto bom porque não tem terreno, não consegue comprar uma casa por que a companhia ela só disponibiliza vender a um valor exorbitante que ninguém aqui tem condições de comprar, isso interfere diretamente nos alugueis, quem quiser alugar uma casa da companhia hoje aqui em Rio Tinto, uma casa conjugada com quintal pequeno, é dois quartos uma cozinha e sala você não aluga por menos de quatrocentos reais,

Na companhia você encontra casas de quatrocentos reais, e moradores antigos, tem moradores que pagam quarenta reais de aluguel, trinta e cinco, mas quem tá com casa de pelo menos, é... treze e quinze anos não pagam menos de duzentos reais.

Os valores são muito altos, os alugueis das casas são esses só que tem um detalhe, pra você conseguir uma casa da companhia, você precisa comprar uma chave, você compra uma chave pra uma casa hoje em dia aqui em Rio Tinto por quinze mil reais, vinte mil reais, você compra a posse da chave pra ir a companhia, quando chega na companhia você ainda vai conversar com quem está lá tomando a frente na direção pra saber se eles liberam pra que você vá praquela casa, porque existe uma fila de pessoas, é, que estão procurando casas, e eles não querem que se vendam a chave, não é permitido vender a chave, mesmo sabendo que todo mundo vende, porque as pessoas investiram nas casas, elas pegaram a casa de um jeito e normalmente vão entregando com reforma em tudo quanto é canto, desde a chave da

Id3 – O fato de grande parte das propriedades ainda pertencerem à CTRT não é algo favorável para a população, pois a mesma não quer abrir mão do lucro que ainda consegue obter na cidade, gerado através dos alugueis pagos pelos moradores de suas casas.

Id4 – Os alugueis cobrados pela companhia variam de acordo com o tempo em que as pessoas moram nas casas, como por exemplo, os antigos funcionários da fábrica pagam apenas uma taxa.

Id5 – Rio Tinto possui valores muito altos, em termo de propriedades e terrenos. O fato que se dá de como as coisas acontecem é curioso a princípio, pois para conseguir uma casa da companhia, se faz necessário adquirir através da compra uma chave, pois os moradores que moram a um longo período de tempo nas casas não querem perder os investimentos que fizeram na propriedade da CTRT, e após a compra, negociam o aluguel a ser pago. Pois grande parte das casas não pertence ao morador e sim a CTRT.

casa até primeiro andar, aumentou a casa, fez reforma completa, então as pessoas querem ter esse retorno, então você compra a chave da casa por esse valor, e ainda vai ficar de o aluguel por no mínimo quatrocentos reais e a cada ano esse valor é aumentado, e você não tem esperança dessa casa ser sua.

Exerce muita influência em todas duas, na economia justamente por isso que falei, as pessoas elas não tem é, como ter um, não tem duas vias, você só tem uma via, você precisa da companhia ela é dona da maior parte da cidade ela não está disposta a ceder nenhum pedaço de terra, ela faz de tudo pra que você não tenha meios de compra nenhuma propriedade, então a economia ela vai ficando cada vez a ter o negócio imprensado, altamente dependente da companhia, você não tem como aumentar nada, só tentar conseguir ganhar algum dinheiro acredito só os que já tem um poder aquisitivo maior, e tem condições de comprar terreno, só que isso fica restrito a um grupo de pessoas hoje você tem aqui é um grupo formado por quatro pessoas aqui de Rio Tinto

E quanto à política aqui em Rio Tinto a companhia ela colocou um costume na população que foi de tudo que a população ela quisesse ela poderia ter da companhia, se você quebrou alguma coisa na casa precisasse de tijolo você não precisava comprar, você pedia a companhia, ela dava, se você precisasse de uma fechadura nova a companhia dava, é... pequenas coisinhas que você precisasse pra... pro seu dia a dia a companhia ela servia em tudo, e isso foi bom pra população daquela época, só que quando a fábrica fechou a população ela ficou presa a esse valor que alguém precisava lhe dar algo, então nada melhor que recorrer a política, esse, a compra de votos aqui em Rio Tinto ela também tá muito presa a herança que

Id6 – A CTRT mesmo falida exerce muita influência tanto por parte da população quanto por parte da política. Sendo dona da maior parte das propriedades da cidade, e não se disponibiliza a vender nada, pois assim continua tendo lucro, tornando assim a população dependente dela. A compra de terrenos fica restrita apenas a um grupo de pessoas com condições financeiras de comprar.

Id7 – A população foi acostumada a recorrer a companhia por qualquer motivo que necessitasse, porém quando a mesma veio a fechar as portas da fábrica, ficaram esperando que a prefeitura fizesse esse papel. Sendo assim a população trás na lembrança uma herança deixada pelos Lundgren.

ficou no período dos Lundgren aqui, então aquele que dê algo, e nele que você vai votar, tudo que as pessoas querem elas acham que a prefeitura tem a obrigação de lhe dar

tudo pertencia a companhia faz com que você fique preso a cultura da política em Rio Tinto de compara votos, aqui você tem o ciclo que é, são dois grupos que comandam, ou são Gerbásio ou são os Lisboa, Lisboa Bravo, e até mesmo quando eles não estão no poder são pessoas que eles indicam, que é o grupo que ficou justamente quando a companhia realmente chegou ao fim, quando a fábrica fechou, é o mesmo grupos que tomam conta da cidade, são esses dois, quando não é um, é o outro, e as pessoas vão se acostumando de que pra votar tem que comprar votar tem que vender, e não tem pra onde correr aqui em Rio Tinto

e na minha opinião isso tá diretamente ligado justamente ao fato da companhia não facilitar a vida das pessoas, a gente sabe que é um grupo falido e que a única maneira que eles tem de ter alguma renda ainda é da cidade de Rio Tinto, e o baque que eles tiveram quando perderam terras para os indígenas foi muito grande, eles fazem de tudo pra não perder o que eles tem aqui, é justamente por isso eles não facilitam a venda das casas.

isso, completamente, fica de ponto positiva a questão histórica, a questão cultural, a gente tem prédios muito bonitos tem uma história bonita porque se é fazendo uma análise sobre como é que Rio Tinto foi construído durante a segunda guerra faltando tanta coisa os Lundgren conseguiu fazer com que não faltasse tinta em Rio Tinto, não faltasse tecido, conseguia abastecer a importância histórica que Rio Tinto já teve na economia tanto no Estado como no País, algumas construções que teve aqui naquele período

Id8 – Desde que a fábrica fechou a cultura de troca de grupos que assumem a administração da cidade ainda é a mesma, funcionando como um ciclo de vai e volta destes grupos políticos, com apenas dois grupos que comandam o destino político em Rio Tinto.

Id9 – O fato deles não terem conseguido dar andamento a fábrica de tecidos, faz com que eles não queiram abrir mão das propriedades e terras que ainda pertencem a CTRT, sendo assim acabam dificultando a venda desses imóveis, para continuarem tendo alguma renda da cidade.

Id10 – A cidade de Rio Tinto é rica em fonte histórica e cultural, tendo belas construções deixadas pelos Lundgren. Essas construções na época em boa parte do Brasil ainda não existiam. Tendo períodos em que os Lundgren conseguiram manter o padrão. Rio Tinto conseguiu ter um destaque importante na economia do estado, uma pequena cidade onde se tem uma base militar, mesmo que falida, não se encontra

que é em boa parte do Brasil não tinha, Rio Tinto é uma cidade diferente por ser planejada com toda uma estrutura, na realidade o que não serve hoje de construção aqui em Rio Tinto é o que foi feito depois dos Lundgren, você tem uma pequena cidade onde você tem a base militar, falida, quebrada, pequena, mas você tem, quando nas nossas redondezas aqui, você não tinha em lugar nenhum

maneira como eles tiveram a visão de construir as casas mesmo sendo conjugada, que hoje é um problema, mas naquela época não era, a divisão que ele faz da cidade, ter um lugar pras famílias morarem e uma outra parte da cidade para os homens se divertirem, bem afastada da cidade, pouco se é falado mas a briga religiosa que tem dos Lundgren contra os evangélicos que a primeira igreja evangélica que teve aqui em Rio Tinto foi a Assembleia de Deus, ela foi construída na entrada de Rio Tinto, só que ela foi construída naquele período fora da cidade, ela era fora da cidade que eles não queriam evangélicos dentro da cidade, eles não queriam as igrejas aqui, aqui é eles eram católicos mas a igreja católica que tem aqui ainda tem uma acordo do período deles, nós não moramos na diocese do sagrado coração de Jesus, nós moramos em outra, mas pra Rio Tinto só vem padres do sagrado coração de Jesus porque os Lundgren naquele período queriam os que vivessem de Recife, os que vivessem de Pernambuco pra cá, e até hoje tem esse acordo com a Igreja católica que pra cá, só vem padres do sagrado coração de Jesus

Ainda pertence a companhia que ainda paga o aluguel, tem toda essa desavença desde lá de Paulista com os evangélicos, alguns anos é... eu vi uma entrevista de um grupo evangélico da Assembleia de Deus de

em nenhuma dessas redondezas.

Id11 – O que no período de construção era bom, nos dias atuais acaba sendo um problema para a cidade. A cidade foi construída de forma estratégica, porém existiam algumas desavenças dos Lundgren com a população evangélica, pois eles não queriam evangélicos na cidade. Ressaltando que até os dias atuais a arquidiocese ainda mantém o acordo que tinha com a companhia de que os padres que vinham pra cidade teriam que ser vindos das congregações de Recife.

Id12 – o prédio da igreja católica até hoje, ainda pertence a companhia. A muitas

Paulista comentando que uma companhia, uma grande indústria de tecidos é... tinha uma divergência com o pastor mandando incendiar a igreja, e eu acredito que seja muito provável que seja o mesmo grupo, então tem toda uma riqueza histórica e cultural que a maior parte das pessoas da população de Rio Tinto não sabe, mas de oitenta por cento da população acredita que os Lundgren eles são alemães, eles não sabem que são suecos, boa parte da população ainda acredita que esse pessoal tinha contato com Hitler, que Hitler viria pra cá

até hoje eu dando aula pra alunos do nono ano, eu não consigo tirar essa mentira da cabeça deles, porque os pais contaram que a história era essa, se fala de túneis que na realidade eu não sei dizer se a história dos túneis é verdade ou não, que tem que ligava o centro até a Vila Regina, então tem toda uma história importante rica, bonita e interessante até pra se dar aulas, que a visão econômica que os pais tiveram ela é uma visão econômica muito a frente do seu tempo ninguém se preocupa em saber da história de Rio Tinto, a única coisa que as pessoas ainda se preocupam é tentar ser dono da casa, mas mesmo assim vários grupos foram criados, e a maioria deles, a maioria não, nenhum conseguiu nada, então é o ponto positivo e o negativo é mais a questão cultural e histórica, é a história de grande valor que tem, mas o ponto negativo é que as pessoas não sabem de nada e termina vivendo nesse mundo preso aqui em Rio Tinto sem nenhuma perspectiva de melhora, só quem consegue é melhorar de vida são as pessoas que já são de famílias que tem poder aquisitivo melhor que tem relações com os políticos

eu vejo muito assim que aqui também tem uma divisão entre a geração do meu avô e a

lendas que falam que os Lundgren são alemães e que Hitler teria vindo a Rio Tinto, ou que viria pra cá.

Id13 – as lendas e algumas histórias daquela época permanecem vivas nas memórias da população, coisas que foram passadas de pai para filho. Na realidade muitos não se preocupam em saber o que de fato aconteceu, mas sim apenas em conseguir um meio de serem donos de suas moradias, infelizmente a cidade não tem perspectiva de melhora, pois só quem consegue se desenvolver bem na cidade são as pessoas que possuem poder aquisitivo.

| | |
|---|---|
| <p>geração dos meus pais, a geração do meu avô, é... ele tem os Lundgren como santos, eles não fizeram nada de errado, tudo foi bom, eles não tomaram terra de ninguém, eles deram emprego pra população, é... o fato de você ter uma pequena casa, colocar cinco famílias dentro dela é algo bom, porque eles deram terras pras pessoas, eles não conseguem ter a visão de nada ruim daquele período, é alguém que lhe deu emprego, lhe deu casa, e lhe deu condições independente do valor que você recebesse, independente das condições de moradia que você tem naquela época, já a geração do meu pai, é... uma parte veio como o explorador, aquele empregador que só explora o trabalhador e tem uma outra parte que diz que eles exploravam mais que aquilo faz parte da natureza do empregador, eles não estavam fazendo nada de errado, eles tinham a obrigação de ser daquele jeito, e eles eram muito bons porque estavam dando um emprego,</p> <p>eu escuto falar é mais diretamente sobre a família, e não sobre a construção da cidade, a pouca coisa que eu sei sobre a construção da cidade é de poucos livros que eu li, porque até mesmo aqui é muito difícil de encontrar, temos três livros que tratam de uns alemães sobre a visita de Hitler e sobre a possibilidade de Hitler realmente ter estado aqui no casarão da vila, é somente sobre a questão social e econômica, mas sobre a construção da cidade pouco li e pouco ouvi falar.</p> | <p>Id14 – A cidade de Rio Tinto é dividida entre duas gerações a primeira é que eles apenas fizeram melhorias na região.</p> <p>Id15 – já a segunda era que eles exploravam o trabalhador em busca de melhorias, porém isso seria o que sempre acontece na relação de patrões e empregados, porém eles davam emprego e isso era bom.</p> <p>Id16 – Existe uma grande dificuldade em encontrar fontes que falam da construção da cidade, o que mais se sabe é sobre a família, e as lendas existentes sobre aquela época.</p> |
|---|---|

c) Elaboração do discurso-base que serviu como fundamento para a elaboração do Discurso do Sujeito Coletivo

Apesar de a fábrica ter fechado suas portas, ainda existe uma dominação relevante por parte da CTRT, pois mesmo que tenham perdido boa parte do seu poder aquisitivo, ainda conseguem influenciar nas decisões políticas tomadas pela população local. A história de Rio

Tinto traz mitos e verdades que permanecem vivos nas memórias dos seus moradores e se refletem também no processo econômico e político da cidade, mesmo que o seu poder de dominação tenha reduzido em virtude do contexto histórico atual, é visível a territorialidade das relações de poder estabelecidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder existentes na formação territorial envolvem diferentes áreas administrativas (RAFFESTIN, 1993), nesta perspectiva, ao analisar as disputas territoriais e as relações de poder na cidade de Rio Tinto, historicamente presentes na formação territorial da cidade, é possível considerar que esse processo se constituiu em diferentes fases, desde a compra do terreno, a construção da cidade-fábrica, posteriormente a sua emancipação e os reflexos desse processo na atual configuração da cidade.

A construção da fábrica atraiu trabalhadores para a Vila Operária, impulsionando a economia da região e proporcionando uma nova configuração territorial, junto com a fábrica foram construídos vários outros imóveis, como por exemplo, moradias, clubes, hotéis, lojas, igreja, hospital, escolas, entre outros.

As relações de poder estabelecidas por diversos atores sociais envolvidos nesse processo são representadas pela atuação política, econômica e social da família Lundgren em busca de exercer domínio sobre determinada porção do território, pela constituição do sindicato para fortalecimento e garantia de direitos para a classe operária, além da disputa territorial com povos indígenas.

A dimensão desse processo encontra-se territorialmente materializada nas ruas desta cidade-fábrica, erguida para atender aos interesses da família Lundgren, e mesmo após a desativação da fábrica de tecidos Rio Tinto, ainda mantém o nome como símbolo de poder exercendo influência sobre a política e economia da cidade. A população está envolvida nesse contexto de forma direta e indireta, tanto nas lembranças dos que moram atualmente na cidade ou dos que migraram em busca de melhores condições de vida e que ainda permanecem na cidade.

Nesta perspectiva é válido ressaltar a relevância dos estudos empíricos territoriais que tratam das relações de poder existentes entre os grupos sociais e instituições, as quais territorializam os espaços de acordo com as intencionalidades de distintos atores, que exercem influência econômica, política e cultural e social.

Ao analisar as relações existentes nos dias atuais na cidade de Rio Tinto, percebe-se através da análise dos discursos que foram trabalhados através dos métodos desenvolvidos por Lefevre e Leferve (2003), a possibilidade em identificar que ainda existe uma forte presença e dominação por parte do grupo Lundgren na cidade de Rio Tinto. Os mesmos são proprietários de uma parcela dos imóveis de Rio Tinto e ainda possuem terras no perímetro da cidade.

Portanto a CTRT ainda se mantém presente nas memórias dos antigos moradores que alimentam a esperança de um dia a companhia voltar a gerar emprego e renda, pois Rio Tinto é uma cidade onde existem poucas possibilidades empregatícias, a princípio funcionava em torno da fábrica, mas assim que veio a abrir falência boa parte desses moradores apenas conseguiram empregos nas usinas, em alguns comércios existentes, e por parte da prefeitura.

A CTRT ainda tem um monopólio muito grande na cidade, e não se mostra disposta a perder o que restou de fonte de renda naquele território. O processo que se encontra em andamento na justiça e não tem prazo para ser concluído e ambas as partes envolvidas esperam que tudo se resolva, acabando com esses conflitos territoriais no alto da cidade de Rio Tinto.

Este trabalho não esgota as possibilidades de análise e exploração do processo de territorialização em que a cidade de Rio Tinto esta intrinsecamente envolvida. Busca-se construir um discurso abrangente do ponto de vista geográfico, com as vertentes analíticas a que esta perspectiva de visão nos permite. Reconstruir o processo de territorialização, como também apresentar as variáveis que contribuíram para esta reconstrução, permite trazer uma discussão mais densa acerca da formação territorial sócio/político/econômica que se encontra intrínseco no processo de criação e emancipação de uma cidade e seu território.

REFERÊNCIAS

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CLAVAL, Paul. **“Espaço e poder”**. Brasília: Ed- zahar, 1979.

COSTA, Adailton Coelho. **Mamanguape, a fênix Paraibana**. Campina Grande: GRAFSET LTDA, 1986.

COSTA, Francisco Fábio Dantas da. **A dinâmica da organização do espaço na região do baixo Mamanguape – Litoral Norte do estado da Paraíba**. 2010. 262 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, Recife: geografia, 2010.

COSTA, Paulo. **Rio Tinto cidade dos coronéis**. Rio Tinto: Arquivo da Biblioteca pública municipal Jose Américo de Almeida/Rio Tinto-PB, 2003.

DANTAS, Anna Aline Roque Santana. **Rio Tinto, impactos do declínio econômico na organização espacial**. 2009. 59 f. Dissertação (Mestrado). UFPB, João Pessoa, 2009.

FERNANDES, Dalvani. Território e Territorialidade: Algumas contribuições de Raffestin. *Perspectivas em Políticas Públicas*. Vol.II, nº 4. Belo Horizonte: jul-dez 2009, p.59-68.

FERNANDES, João Batista. **Rio Tinto o falso município**. Sapé: Arquivo da Biblioteca Pública de Rio Tinto, 1978.

_____. **O extinto Rio Tinto**. Rio Tinto: Arquivo da Biblioteca pública municipal José Américo de Almeida/Rio Tinto-PB. 1971.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; GOULLART, N. G. de. **Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa**. São Paulo: Distúrb Comum. 2013, p. 129-136.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: edição geral, 1979. São Paulo: Paz e Terra S/A. 2005.

GÓES, Raul de. **Um sueco emigra para o nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1964.

GOMES, Rita de Cássia Conceição. **A fragmentação do território no Brasil e a reprodução das relações de poder: uma leitura a partir do Rio Grande do Norte.** V.27, nº1, jan/jun. Natal: Sociedade e território, 20015, p.231-250.

LEFÈVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul (RS): Educus, 2003.

_____. _____. **O sujeito coletivo que fala.** v.1 n.20, São Paulo: Interface – Comunic, Saúde, Educ, jul/dez 2006, p 517-24.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 27ª Ed, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

MARIANO, Érica Gomes da Costa. **Território em Retalhos e Sobreposição de Áreas no Tecido Rural e Urbano de Rio Tinto.** São Paulo: XIX ENGA. 2009.

_____. _____. **Território em Retalhos e sobreposição de áreas no tecido rural e urbano de Rio tinto/PB.** São Paulo: XIX Encontro nacional de geografia agrária, 2009, p. 1-28.

MORAIS, José Jassuipe da Silva. **História e memórias da educação profissional contada por ex-operários da companhia de tecidos Rio Tinto (1946-1988).** Disponível em www.sbhe.org.br. Acessado em 24/11/2014.

Monte Mor é nossa terra. Direção: GT Indígena. Produção: Adriana pereira, Carlos Guilherme do vale, org. Roteiro: Mirna Nóbrega, Suelyta Alves. Paraíba: Realização: UFPB, 2005. 1998. (01:19MIN).

PANET, Amélia et al. **Estrutura urbana, trabalho e cotidiano.** João Pessoa: UNIPE, 2002.

PEREIRA, Talita Dahmer. O território na acumulação capitalista possibilidades da categoria a partir de David Harvey. O social em questão – ANO XIII – nº 24 – jul-dez-2010.

VALE, Eltern Campina. **“Da aldeia da preguiça à ativa colméia operária.” O processo de constituição da cidade fábrica Rio Tinto (1917 – 1924).** Ano III Nº 5. Revista Crítica Histórica, julho/ 2012.

_____. **Tecendo fios, fazendo história: A atuação operaria na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba 1959-1964).** 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado) UFC. Fortaleza, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução Maria Cecília França. Fernando Paixão. São Paulo: Ártica. 1993.

RODRIGUES, Adiel Alves. **Panorama de Mamanguape: uma exposição histórica do município**. Recife: COMUNIGRAF, 2008.

ROCHA, Jorge Alberto da Costa. **Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Proposições para estudos territoriais**. Paraná: Geografia – ano VIII – N. 15. 2006.

_____. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade**. vv.22, .n.43, Florianópolis: Geodul, jan/jun.2007, p.66-76.

_____. **Abordagens e concepções de território e territorialidade**. Costa Rica: Revisa geográfica de América Central/II Semestre, 2011, p. 1-16.

_____. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SILVA, Marta Gomes da; LIMA, Edvaldo Carlos de. **Conflitos territoriais no município de Rio Tinto/ PB: o caso da retomada de terras da Aldeia Monte-Mor**. v.7, n.1, João Pessoa: OKARA: Geografia em debate, 2013, p. 112-127.

SILVA, Marta Gomes da; LIMA, Edvaldo Carlos de. **Conflitos territoriais no município de Rio Tinto/ PB: o caso da retomada de terras da Aldeia Monte Mor**. Porto Alegre – RS: XVI ENG, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p.77-116.

TEIXEIRA, Tiago Roberto Alves. **O conceito de território como categoria de análise**. Porto Alegre: Encontro Nacional de Geografia. 2010.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA 01

Pesquisadora: Alice Maria Marques da Silva

Matrícula: 112435580

- 1 – Em sua perspectiva, qual a importância da Companhia no processo de estruturação e desenvolvimento econômico da cidade de Rio Tinto?
- 2- Como eram estabelecidas as relações com os moradores da Vila no início do processo de desenvolvimento da Companhia e como atualmente essa relação ocorre?
- 3- Nessas relações estabelecidas com os moradores da Vila, em algum momento, já ocorreram conflitos em relação à posse das propriedades? Como se deu esse processo?
- 4- Em relação à reivindicação de posse de terra por parte dos povos indígenas, qual o posicionamento da Companhia neste processo?
- 5- Qual o posicionamento da Companhia em relação ao processo de reapropriação dos patrimônios da Vila pertencentes à Companhia?
- 6- Atualmente quantas propriedades pertencentes à Companhia e qual percentual de terras sob esta instituição?

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Entrevista realizada dia ____/____/____

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA 02

Pesquisadora: Alice Maria Marques da Silva
Matrícula: 112435580

- 1 – Como se deu o processo de fundação da Vila Regina/Monte Mor?
- 2- Como se deu esse processo de reivindicação de posse das terras indígenas da Vila Regina/Monte Mor?
- 3- Como é estabelecida a relação com os administradores da Companhia em relação ao pagamento dos aluguéis já que eles alegam serem proprietários das moradias?
- 4- Os conflitos em relação à posse da terra fazem parte do cotidiano dos povos indígenas de maneira geral. Neste sentido, existe apoio por parte do poder público para efetivar essa reivindicação?
- 5- Quais os principais argumentos alegados por parte da Companhia e das Usinas para esse processo de disputa?
- 6- Como você percebe esse processo de disputa territorial e quais as principais barreiras políticas encontradas para que os direitos reivindicados sejam efetivamente estabelecidos?

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Entrevista realizada dia ____/____/____

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA 03

Pesquisadora: Alice Maria Marques da Silva
Matrícula: 112435580

- 1- Como se deu esse processo de reivindicação de posse das terras indígenas da Vila Regina/Monte Mor?
- 2- Como é estabelecida a relação com os administradores da Companhia em relação ao pagamento dos aluguéis já que eles alegam serem proprietários das moradias?
- 3- Os conflitos em relação à posse da terra fazem parte do cotidiano dos povos indígenas de maneira geral. Neste sentido, existe apoio por parte do poder público para efetivar essa reivindicação?
- 4- Quais os principais argumentos alegados por parte da Companhia e das Usinas para esse processo de disputa?
- 5- Como você percebe esse processo de disputa territorial e quais as principais barreiras políticas encontradas para que os direitos reivindicados sejam efetivamente estabelecidos?

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Entrevista realizada dia ____/____/____

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA 04

Pesquisadora: Alice Maria Marques da Silva

Matrícula: 112435580

- 1- No período em que a fábrica veio a fechar os Lundgrens mantinham influência sobre os moradores ou sobre as decisões políticas da cidade de Rio Tinto?
- 2- Qual sua opinião em relação ao fato dessas propriedades continuarem a pertencer a Companhia?
- 3- Na sua percepção a família Lundgrens exerce nos dias atuais influência na economia e na política da cidade?
- 4- Para você, quais os aspectos positivos e negativos que prevalecem vivos nas memórias dos moradores e antigos funcionários da fábrica?

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Entrevista realizada dia ____/____/____